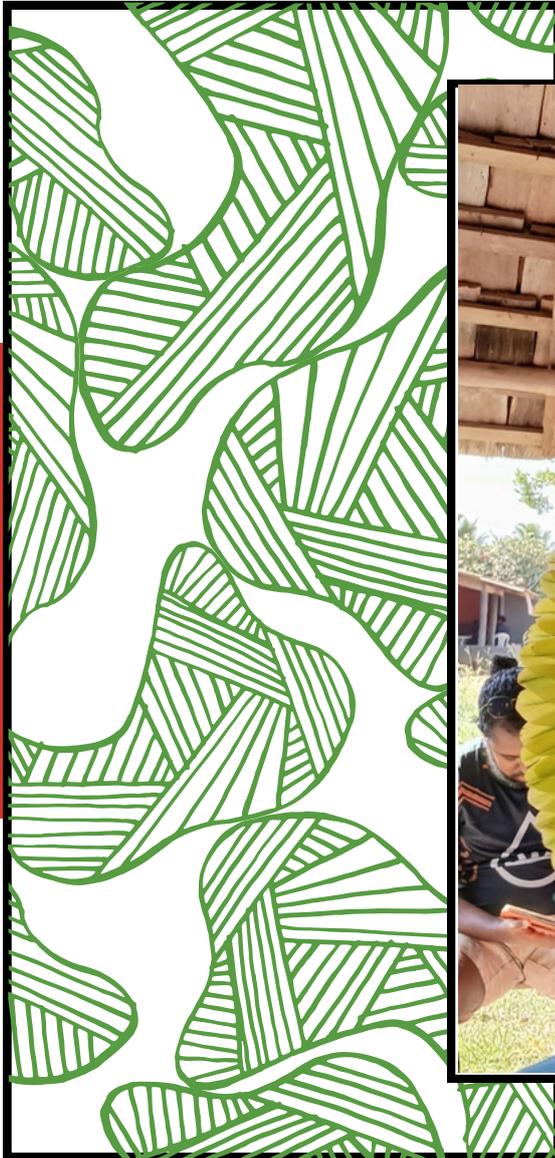




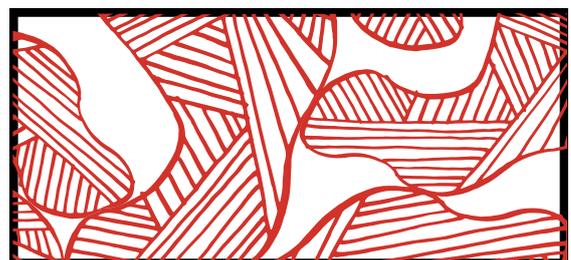
2024



BREVE INTRODUÇÃO AO CAMPO DOS LAUDOS
ANTROPOLÓGICOS A PARTIR DE ALGUMAS INCURSÕES À
TERRA INDÍGENA ALDEIA VELHA, ARRAIAL D'AJUDA, PORTO
SEGURO (BAHIA, 2024).



PERÍCIAS, LAUDOS E RELATÓRIOS
ANTROPOLÓGICOS - CC T01
(2024.1)



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. DONA JAÇANÃ	3
1.1. RELATO DA VISITA	3
1.2. TRECHOS DA ENTREVISTA	3
1.3. ÁLBUM DE IMAGENS	3
2. TXAIWÃ	4
2.1. RELATO DA VISITA	4
2.2. TRECHOS DA ENTREVISTA	4
2.3. ÁLBUM DE IMAGENS	4
3. NADINHO E O “CAMINHO DO SAMBAQUI”	5
3.1. RELATO DA VISITA	5
3.2. TRECHOS DA ENTREVISTA	5
3.3. ÁLBUM DE IMAGENS	5
CONCLUSÃO	6



INTRODUÇÃO

O PRESENTE TRABALHO FOI ELABORADO COLETIVAMENTE COMO UMA ATIVIDADE FINAL DO COMPONENTE CURRICULAR (CC) PERÍCIAS, LAUDOS E RELATÓRIOS ANTROPOLÓGICOS OFERTADO PELO CURSO BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA DO CENTRO DE FORMAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL DA BAHIA (BA/CFCHS/UFSB).

O CC FOI OFERTADO PELO DOCENTE PABLO ANTUNHA BARBOSA DURANTE O SEMESTRE DE 2024.1. A TURMA CONTOU COM SEIS ESTUDANTES MATRICULADOS: CINCO DELES DA TURMA DE 2022 DO BA E UM DELES DA TURMA DE 2020 DO BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (BIH). EMBORA DO BIH, O REFERIDO ESTUDANTE JÁ VEM CURSANDO DIVERSOS CCS DO BA.

É IMPORTANTE RESSALTAR QUE A ESTUDANTE FABIANA SILVA DOS REIS, TAMBÉM DA TURMA DE 2022 DO BA, REALIZOU UMA ESPÉCIE DE ESTÁGIO DOCÊNCIA AO LADO DO PROFESSOR. FABIANA JÁ HAVIA CURSADO O CC EM 2023 E OPTOU POR ACOMPANHÁ-LO NOVAMENTE, DESTA VEZ AJUDANDO A ARTICULAR ALGUMAS ATIVIDADES DE CAMPO, SOBRE AS QUAIS FALAREMOS MAIS ABAIXO, QUE FORAM REALIZADAS EM AGOSTO E SETEMBRO DE 2024, NA TERRA INDÍGENA ALDEIA VELHA, ONDE ELA MORA COM SUA FAMÍLIA.

É IMPORTANTE FAZER OUTRA OBSERVAÇÃO EM RELAÇÃO À DINÂMICA DO CC AO LONGO DO SEMESTRE DE 2024.1. O DOCENTE RESPONSÁVEL VEM MINISTRANDO ESSA DISCIPLINA DESDE 2018. COM A MUDANÇA DO REGIME LETIVO DA UFSB EM 2024 (PASSANDO DE QUADRIMESTRE PARA SEMESTRE) E COM O CRESCENTE USO POR PARTE DOS ESTUDANTES DAS FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL PARA A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES AVALIATIVAS, O DOCENTE OPTOU POR PROPOR E EXPERIMENTAR UMA METODOLOGIA E UMA DINÂMICA NOVA PARA O CC. AO INVÉS DE ORGANIZÁ-LO EM MÓDULOS ANCORADOS APENAS EM LEITURAS, DECIDIU CONDENSAR OS TEXTOS EM UM MÓDULO APENAS E INTRODUIZIR DOIS NOVOS: PESQUISA DE CAMPO E ELABORAÇÃO COLETIVA DA ATIVIDADE FINAL.

AO FINAL DOS QUADRIMESTRES, DURANTE AS ÚLTIMAS AULAS DE AUTO-AVALIAÇÃO DOS CCS, ERA FREQUENTE RECEBER COMENTÁRIOS DOS ESTUDANTES SOBRE O TEOR MUITO TEÓRICO DAS AULAS E SOBRE A FALTA DE AULAS MAIS PRÁTICAS. EMBORA SEMPRE ALERTAMOS OS ESTUDANTES QUE NÃO SE FAZ NADA NA PRÁTICA SEM UMA BOA FORMAÇÃO TEÓRICA, DECIDIMOS ENFRENTAR O DESAFIO E TENTAR VIABILIZAR MOMENTOS MAIS PRÁTICOS PARA ESTUDANTES DE UM CURSO QUE, AO FIM E AO CABO, TEM A ETNOGRAFIA COMO FERRAMENTA QUE DEFINE SUA IDENTIDADE. ACHAMOS QUE A INTRODUÇÃO DESSA DIMENSÃO PRÁTICA SE ENCAIXARIA MUITO BEM COM O PRESENTE CC QUE, NO FINAL DAS CONTAS, TAMBÉM É A DISCIPLINA DA GRADE CURRICULAR QUE ABORDA DE FORMA MAIS DIRETA A DIMENSÃO MAIS APLICADA DO OFÍCIO DO ANTROPÓLOGO.

NA TENTATIVA DE FAZER UM DIÁLOGO MAIOR ENTRE TEORIA E PRÁTICA, ORGANIZAMOS, ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO DA ESTUDANTE FABIANA, UMA SÉRIE DE VISITAS À TERRA INDÍGENA ALDEIA VELHA, PARA TER UM CONTATO MAIS CONCRETO COM O PROCESSO PRÁTICO DE ELABORAÇÃO E FEITURA DISSO QUE CHAMADOS DE "LAUDOS ANTROPOLÓGICOS".

É IMPORTANTE DIZER QUE O RESULTADO FINAL NÃO É UM LAUDO (ISSO NOS DEMANDARIA MUITO MAIS TEMPO E DEDICAÇÃO). NO ENTANTO, TENTAMOS NOS APROXIMAR E PÔR EM PRÁTICA OS MÉTODOS QUE SÃO USADOS PARA SUA ELABORAÇÃO. ESPERAMOS QUE DESTA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA POSSAMOS TIRAR

ALGUMAS LIÇÕES, NO SENTIDO DE AMADURECER E APERFEIÇOAR UM POUCO MAIS UMA DINÂMICA DE TRABALHO, QUE CONJUGA TEORIA, PRÁTICA E, SOBRETUDO, ÉTICA E COLABORAÇÃO PARA, EM SÓ MOVIMENTO, FORMAR FUTUROS ANTROPÓLOGOS NA PRÁTICA E CONTRIBUIR, COM OS DADOS QUE CONSEGUIMOS REUNIR, COM AS COMUNIDADES QUE ACEITAM NOS RECEBER.

COMO JÁ DISSEMOS, AO LONGO DO SEMESTRE, A DISCIPLINA FOI DIVIDIDA EM 3 MÓDULOS. UM PRIMEIRO MÓDULO MAIS TEÓRICO, ONDE LEMOS DIVERSOS TEXTOS QUE NOS AJUDARAM A ENTENDER UM POUCO MELHOR SOBRE A DIMENSÃO HISTÓRICA DO CARÁTER APLICADO DO OFÍCIO DO ANTROPÓLOGO. O DIÁLOGO ENTRE ANTROPOLOGIA E DIREITO, POR EXEMPLO, TAMBÉM NOS LEVOU A PERCEBER A IMPORTÂNCIA DO DEBATE TEÓRICO DA ANTROPOLOGIA SOBRE CULTURA E IDENTIDADE E COMO ESSA CONCEITUAÇÃO ANTROPOLÓGICA BALIZOU A LEGISLAÇÃO, SOBRETUDO APÓS A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988, QUE GARANTE O DIREITO À DIFERENÇA NA DEFESA DE PÓVOS INDÍGENAS E COMUNIDADES TRADICIONAIS. LEMOS TAMBÉM FRAGMENTOS DE ALGUNS RELATÓRIOS CIRCUNSTANCIADOS DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS - RCID (SOBRETUDO REFERENTES ÀS TI'S DO POVO PATAXÓ, ESPECIFICAMENTE O RCID DE ALDEIA VELHA) E PERÍCIAS ANTROPOLÓGICAS. PARA MAIS DETALHES SOBRE ESSAS LEITURAS, É POSSÍVEL CONSULTAR A BIBLIOGRAFIA NO FINAL DESTES TRABALHOS.

JÁ NO SEGUNDO MÓDULO DEMOS INÍCIO À PESQUISA DE CAMPO NA TERRA INDÍGENA ALDEIA VELHA. REALIZAMOS 3 VISITAS (NOS DIAS 29/08, 05/09 E 12/09), ONDE PUDEMOS CONVERSAR COM DONA JAÇANÃ, NA CASA DE SUA FILHA RAIMUNDA, COM TXAIWÃ, NO SEU KIJEME DE ARTESANATOS, E COM NADINHO. O ENCONTRO COM NADINHO FOI UM POUCO DIFERENTE, POIS ELE NOS LEVOU A UM DOS SAMBAQUIS EXISTENTES DA TI, QUE FICA NA PARTE BAIXA DO TERRITÓRIO. ASSIM, ALÉM DE CONVERSAR, TAMBÉM ANDAMOS COM ELE, CAMINHADA QUE NOS AJUDOU A ENTENDER, NA PRÁTICA, ALGUMAS MARCAS E HISTÓRIAS DESSE TERRITÓRIO E TAMBÉM O CONTEXTO DA LUTA PELA TERRA, PANO DE FUNDO DAS NOSSAS PREOCUPAÇÕES NO MARCO DO CC. NADINHO É FILHO DE DONA DIÓ, MORADORA QUE JÁ ANCESTRALIZOU, MAS QUE NUNCA DEIXOU A ALDEIA.

O TERCEIRO E ÚLTIMO MÓDULO DO CC SE CONCENTROU NO TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL LEVANTADO E DE ELABORAÇÃO DA PRESENTE ATIVIDADE FINAL, E ISSO DE FORMA COLETIVA EM SALA DE AULA. ALGUNS DISCENTES TRANSCREVERAM SUAS ANOTAÇÕES DE CAMPO, TODOS TRANSCREVERAM PARTES DAS GRAVAÇÕES DAS ENTREVISTAS E SELECIONARAM IMAGENS. TODOS TAMBÉM CONTRIBUÍRAM COM SEUS COMENTÁRIOS, DÚVIDAS, ETC.

PARA ALÉM DESTA INTRODUÇÃO, CUJO OBJETIVO É SITUAR UM POUCO O CONTEXTO EM QUE SE DEU A ELABORAÇÃO DESTA ATIVIDADE, ESTE TRABALHO ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS PARTES, CADA UMA DELAS REFERENTES ÀS DIFERENTES PESSOAS QUE ENCONTRAMOS, CONVERSAMOS E CAMINHAMOS EM ALDEIA VELHA (JAÇANÃ, TXAIWÃ E NADINHO). EM CADA UMA DESSAS PARTES REPLICAMOS A MESMA ESTRUTURA: UMA BREVE APRESENTAÇÃO DO DIA DE CAMPO (A PARTIR DAS ANOTAÇÕES QUE FIZEMOS); UMA TRANSCRIÇÃO DE TRECHOS SELECIONADOS DAS ENTREVISTAS; E UM ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS E IMAGENS.

PARA CONCLUIR, FAREMOS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS QUE SURTIRAM DA AVALIAÇÃO COLETIVA QUE TAMBÉM FIZEMOS EM SALA DE AULA.

1. DONA JAÇANÃ

1.1. RELATO DA VISITA DO DIA 28/08

DURANTE AS AULAS DO COMPONENTE CURRICULAR "LAUDOS, PERÍCIAS E RELATÓRIOS ANTROPOLÓGICOS", MINISTRADO PELO PROFESSOR PABLO ANTUNHA BARBOSA, ORGANIZAMOS VISITAS DE CAMPO À TERRA INDÍGENA ALDEIA VELHA, LOCALIZADA EM ARRAIAL D'AJUDA. O OBJETIVO ERA PROPORCIONAR AOS ALUNOS UM CONTATO DIRETO COM A PRÁTICA DA PESQUISA ANTROPOLÓGICA E POSSIBILITAR UMA COMPREENSÃO MAIS APROFUNDADA SOBRE OS TRABALHOS DE CAMPO REALIZADOS NA PRODUÇÃO DE UM LAUDO ANTROPOLÓGICO SOBRE UMA TERRA INDÍGENA. COMBINAMOS QUE FARIAMOS TRÊS VISITAS CONSECUTIVAS À ALDEIA, TODAS AO FINAL DO NOSSO PERÍODO SEMESTRAL, PERMITINDO QUE TIVÉSSEMOS A EXPERIÊNCIA DE CAMPO AO QUE JÁ HAVÍAMOS ESTUDADO EM SALA DE AULA. NA ÚLTIMA AULA PRESENCIAL ANTES DA VIAGEM, ONDE TODOS OS ESTUDANTES DO CURSO ESTAVAM PRESENTES, DISCUTIMOS COMO CONDUZIRÍAMOS A EXPERIÊNCIA DE CAMPO. COMEÇAMOS A DIVIDIR AS RESPONSABILIDADES ENTRE NÓS. ALGUNS COLEGAS SERIAM RESPONSÁVEIS POR REGISTRAR ANOTAÇÕES DETALHADAS SOBRE AS CONVERSAS, ENQUANTO OUTROS SE ENCARREGARIAM DE DOCUMENTAR VISUALMENTE A CONVERSA QUE FARIAMOS, CAPTURANDO IMAGENS DOS CONTEXTOS MAIS SIGNIFICATIVOS. FOCAMOS TAMBÉM EM DEFINIR O ROTEIRO DE ABORDAGEM, QUAIS SERIAM OS TÓPICOS MAIS PERTINENTES PARA INICIARMOS NOSSA PRIMEIRA CONVERSA, QUE SERIA COM DONA JAÇANÃ, UMA DAS MORADORAS MAIS ANTIGAS DA ALDEIA. TAMBÉM DEFINIMOS AS TAREFAS QUE SERIAM REALIZADAS NAS AULAS SEGUINTE, COM OS OUTROS ENTREVISTADOS. DURANTE ESSA REUNIÃO EM SALA DE AULA, FICOU CLARO O PAPEL DE CADA PARTICIPANTE. O TEMA CENTRAL DE NOSSA PESQUISA FOI A LUTA PELA TERRA. A PREPARAÇÃO NÃO SE LIMITAVA APENAS ÀS TAREFAS TÉCNICAS, TAMBÉM CONVERSAMOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ESTABELECERMO UMA CONEXÃO RESPEITOSA E AMIGÁVEL COM OS ENTREVISTADOS. DECIDIMOS LEVAR TAMBÉM ALGUNS ALIMENTOS PARA UM LANCHE COLETIVO A SER FEITO DURANTE A CONVERSA. ESTABELECEMOS ENTÃO QUE TODOS OS ESTUDANTES SE ENCONTRARIAM ÀS 13H NA BALSA QUE FAZ A TRAVESSIA PARA ARRAIAL D'AJUDA, UMA VEZ REUNIDOS, AGUARDAMOS PELO PROFESSOR PABLO, QUE NOS CONDUZIRIA ATÉ A ALDEIA.

COMO COMBINAMOS, NO DIA 29/08 NOS ENCONTRAMOS TODOS DO OUTRO LADO DA BALSA DE ARRAIAL D'AJUDA PARA REALIZARMOS NOSSA PRIMEIRA PESQUISA DE CAMPO. COM A TURMA TODA REUNIDA, AGUARDAMOS O PROFESSOR CHEGAR PARA NOS CONDUZIR ATÉ A ALDEIA, QUE, PARA A MAIORIA DOS COLEGAS, AINDA ERA POUCO CONHECIDA. DURANTE O TRAJETO, CONVERSAMOS UM POUCO SOBRE NOSSAS EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO À PRIMEIRA PESQUISA DE CAMPO DO SEMESTRE, TODOS DEMONSTRANDO BASTANTE ENTUSIASMO PELA AULA FORA DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DA UFSB. AO NOS APROXIMARMOS DA ALDEIA, TIVEMOS ALGUMA DIFICULDADE PARA ENCONTRAR A CASA ONDE ESTARIA A DONA JAÇANÃ, QUE ESTAVA NA CASA DE UMA DE SUAS FILHAS, RAIMUNDA, MAS LOGO CONSEGUIMOS CHEGAR AO LOCAL CERTO COM A AJUDA DE FABIANA, COLEGA QUE ESTAVA MEDIANDO NOSSA VISITA.

AO CHEGARMOS AO LOCAL COMBINADO PARA A CONVERSA, FOMOS RECEBIDOS POR RAIMUNDA NO PORTÃO. AO ENTRAR, FOMOS SURPREENDIDOS PELOS CÃES DA FAMÍLIA, UM DELES ESTAVA PRESO, ENQUANTO O OUTRO SE MOSTRAVA MUITO DÓCIL. SEGUIMOS ADIANTE E FOMOS RECEBIDOS POR DONA JAÇANÃ, UMA SENHORA DE SEUS SETENTA ANOS, QUE ESTAVA ACOMPANHADA DE UM ESTUDANTE DO RIO DE JANEIRO QUE PASSAVA UM PERÍODO EM SUA CASA, DOCUMENTANDO SUA HISTÓRIA DE VIDA PARA PRODUZIR UM LIVRO SOBRE ELA, COLETANDO DADOS ATRAVÉS DA CONVIVÊNCIA DIÁRIA. APÓS UMA BREVE CONVERSA INICIAL, FOMOS CONVIDADOS A NOS SENTAR NO QUINTAL, NOS FUNDOS DA CASA. LÁ

HAVIA ALGUMAS CADEIRAS DISPOSTAS PARA NÓS, E AO FUNDO, UM QUINTAL REPLETO DE PLANTAS E ÁRVORES TÍPICAS DA REGIÃO. COMEÇAMOS NOSSA CONVERSA COM DONA JAÇANÃ, QUE, DESDE O PRIMEIRO MOMENTO, ENCANTOU A TODOS COM SUA SIMPATIA. ELA FOI MUITO GENTIL E, COM ENTUSIASMO, RESPONDEU ÀS NOSSAS PERGUNTAS. COMENTOU QUE ESTAVA FELIZ POR RECEBER TANTAS PESSOAS EM SUA CASA, DIZENDO QUE ERA UMA HONRA PODER CONVERSAR CONOSCO. DONA JAÇANÃ INICIOU SUA NARRATIVA COMPARTILHANDO FRAGMENTOS DE SUA TRAJETÓRIA PESSOAL ANTES DE ABORDAR O PROCESSO DE DEMARCAÇÃO DE SUA TERRA. NASCIDA EM BARRA VELHA, CONSIDERADA ALDEIA MÃE, FILHA DE UMA MULHER INDÍGENA E DE UM PAI NATIVO DA REGIÃO, ELA CRESCER SEM COMPREENDER PLENAMENTE O QUE SIGNIFICAVA SER UMA PESSOA INDÍGENA. APESAR DISSO, DESDE A INFÂNCIA, EXPERIMENTOU NA PELE O QUE É SER FENOTIPICAMENTE INDÍGENA, SENTINDO OS IMPACTOS SOCIAIS DISSO. ELA NOS CONTOU QUE FOI APENAS EM SUA PRIMEIRA VIAGEM À CIDADE DE PORTO SEGURO QUE PERCEBEU, PELOS OLHARES DAS PESSOAS, O QUE SIGNIFICAVA SER "DIFERENTE".

DURANTE SUA INFÂNCIA, DONA JAÇANÃ VIVEU COM SEU PAI EM FAZENDAS DA REGIÃO, ONDE ELE TRABALHAVA PARA FAZENDEIROS LOCAIS. FOI UMA VIDA DE MIGRAÇÃO E TRABALHO, ATÉ QUE, AOS 16 ANOS, TEVE SEU PRIMEIRO FILHO. NOS ANOS SEGUINTE, CONSTITUIU SUA FAMÍLIA, JÁ ESTABELECIDO PRÓXIMO AO LOCAL ONDE HOJE SE ENCONTRA SUA ALDEIA. FOI APENAS AOS 50 ANOS DE IDADE QUE DONA JAÇANÃ TEVE UM DESPERTAR PARA AS QUESTÕES INDÍGENAS. ELA FOI CONVIDADA POR SEU PRIMO E AMIGO IPÊ, ATUAL CACIQUE DA ALDEIA, PARA SE JUNTAR AO PROCESSO DE RETOMADA DA TERRA QUE HOJE CONSTITUI A TI ALDEIA VELHA, FINALMENTE HOMOLOGADA EM ABRIL DE 2024. ESSE MOMENTO MARCOU SEU PRIMEIRO CONTATO COM AS LUTAS COLETIVAS INDÍGENAS E TRANSFORMOU SUA COMPREENSÃO SOBRE SUA PRÓPRIA IDENTIDADE. ELA NOS RELATOU QUE O PROCESSO DE RETOMADA FOI EXTREMAMENTE DIFÍCIL, OS PARTICIPANTES ENFRENTARAM REPRESÁLIAS CONSTANTES, PERSEGUIÇÕES POLICIAIS, AMEAÇAS DE MORTE, ENTRE OUTRAS FORMAS DE VIOLÊNCIA. ENTRETANTO, FOI TAMBÉM NESSE CONTEXTO QUE DONA JAÇANÃ EXPERIMENTOU UM SENTIMENTO DE COMUNIDADE. PARTICIPOU ATIVAMENTE DE REUNIÕES DE ORGANIZAÇÃO E DEBATES, QUE ACONTECIAM EM BARRACOS MONTADOS PELOS PRÓPRIOS INDÍGENAS NA ÁREA OCUPADA, ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E ARTICULAÇÃO COLETIVA QUE FORAM FUNDAMENTAIS PARA QUE, JUNTOS, PUDESSEM CONQUISTAR A HOMOLOGAÇÃO DE SUA TERRA. ALÉM DE SUA PARTICIPAÇÃO NA LUTA PELA TERRA, DONA JAÇANÃ NOS FALOU SOBRE SUA ATUAÇÃO COMO PARTEIRA, AUXILIANDO MULHERES DA COMUNIDADE NO PARTO, E SOBRE SEUS CONHECIMENTOS EM ERVAS MEDICINAIS, COM OS QUAIS PREPARAVA REMÉDIOS E AJUDAVA CONHECIDOS E FAMILIARES. A PRÁTICA DA MEDICINA TRADICIONAL, ASSIM COMO O APOIO AO NASCIMENTO DE NOVAS VIDAS, FORMAM PARTE ESSENCIAL DE SUA CONTRIBUIÇÃO À COMUNIDADE, CONSOLIDANDO-A COMO UMA FIGURA RESPEITADA E GUARDIÃ DE SABERES ANCESTRAIS. DE FATO, ATUALMENTE, ELA É A PAJÉ DA ALDEIA.

ABAIXO SELECIONAMOS ALGUNS TRECHOS DA CONVERSA COM DONA JAÇANÃ, TRECHOS QUE, DE ALGUMA FORMA, ILUSTRAM OS PONTOS FORTES DESSA CONVERSA QUE TIVEMOS COM ELA. A CONVERSA NA SUA ÍNTEGRA PODE SER CONSULTADA NO LINK INDICADA NA NOTA DE RODAPÉ.

1.2. TRECHOS DA ENTREVISTA

AS RETOMADAS DE ALDEIA VELHA (DESTAQUES DA ENTREVISTA COM DONA JAÇANÃ)

(13:59)

FABIANA PATAXÓ: “E COMO QUE FOI A SUA CHEGADA AQUI NA ALDEIA VELHA, DONA JAÇANÃ? ESSA CONVERSA DE IPÊ AÍ PRA CHEGAR PARA CÁ...”

DONA JAÇANÃ: “A MINHA CHEGADA AQUI... NÓS ERA DESALDEADO. EU NÃO SABIA QUE EU ERA ÍNDIA. NÃO SABIA. (...) EU SOU ÍNDIA, MAS NÃO SABIA. NINGUÉM FALAVA QUE EU ERA ÍNDIA, NEM QUE MINHA MÃE ERA ÍNDIA, NINGUÉM FALAVA. AÍ QUANDO IPÊ APARECEU... (...) ‘EU VIM AJUNTAR UM SEIS ÍNDIO PARA PODER DIZER QUE VOCÊS ESTÃO DESALDEADO, NÃO TEM MORADIA CERTA, NÃO TEM UMA ALDEIA.’ (...) AÍ QUE EU DIZIA: ‘EU SOU ÍNDIA’. E AÍ ELE FAZIA A REUNIÃO, TUDO MAIS E VAI AJUNTANDO A GENTE, OS ÍNDIOS. EU SEI QUE AJUNTOU VINTE E POUCAS PESSOAS. FOI AJUNTANDO MAIS. ENTREMO NESSA MATA ONDE HOJE É A RESERVA. A GENTE ENTROU AÍ. AÍ NÓS COMEÇAMOS A FAZER UM BARRACÃO GRANDE PARA FICAR ALI PARA EVITAR CHUVA E SOL. TUDO EM ABERTO, NÃO TINHA PAREDE, NÃO TINHA NADA, TUDO EM ABERTO. SÓ O TAPADO EM CIMA COM UM PLÁSTICO. AÍ NÓS, CADA UM ESCOLHENDO SEUS LUGARES PARA FAZER SUAS OQUINHAS E TUDO MAIS. QUANDO MAIS, EU FUI EMBORA DE LÁ. UM DIA APARECEU AS POLÍCIAS. VEIO, DERRUBOU AS BARRACAS TODINHAS DOS ÍNDIOS, TOCARAM O FOGO, TUDO MAIS. TODO MUNDO SAIU. (...) AÍ PAROU TUDO. NINGUÉM FALOU MAIS EM RETOMADA, NINGUÉM FALOU MAIS DE ALDEIA, NEM NADA.

(16:57)

FOI QUANDO CHEGOU IPÊ: “DONA D’AJUDA, EU VIM, PARA NÓS IR RETOMAR LÁ EM DIÓ”, COM A DIÓ LÁ EM CIMA. EU DIGO “IPÊ, E AGORA? EU TENHO CORAGEM NÃO PARA MIM SAIR CORRIDA DA POLÍCIA COMO ACONTECEU AÍ, QUE ELES ATIRARAM METENDO TIRO PARA DENTRO NA MATA E ESCORRAÇANDO A GENTE. E EU NÃO VOU NÃO.”, “AH, QUE BOBAGEM, DONA D’AJUDA, NÓS VAI. SENHORA VAI?”, “EU VOU”. DEU UMA CORAGEM ASSIM, “EU VOU SIM.” “VAI MESMO?” DIGO “VOU SIM, LIVRAR DE EU DIZER QUE SIM. EU VOU”. “DEPOIS DE AMANHÃ É PARA NÓS RETOMAR LÁ EM CIMA”. “TÁ BOM.”

(...)

AÍ QUANDO CHEGOU A TARDEZINHA, ANOITECENDO, CHEGOU O SEU BERGUE COM A NAIR, SEU BERGUE JÁ MORREU. CHEGOU O SEU VITALINO, TAMBÉM JÁ MORREU. AÍ CHEGOU MARIA NOBRE, ELA ESTÁ VIVA, TÁ VELHINHA, MAS ESTÁ VIVA AÍ. NÃO FALA MAIS. AÍ NÓS VAMOS DESCER AQUI PELO CORVOÃO’, NÓS

²DONA DIÓ É MÃE DE NADINHO, UMA DAS PESSOAS QUE CONVERSAMOS AO LONGO DESTA TRABALHO. ELA TEVE UMA PARTICIPAÇÃO MUITO IMPORTANTE NA LUTA PELA TERRA, POIS NUNCA SAIU DO TERRITÓRIO.

DISSE. (...) CHEGAMOS LÁ, LÁ DE CIMA SÓ TINHA UMA CASINHA QUE ERA DA MINHA COMADRE DIÓ. AÍ NÓS FIQUEMOS LÁ, OS HOMEM FICARAM DEBAIXO DE UMA LONA NO CHÃO E EU AS MULHERES FICARAM NA CASA DE COMADRE DIÓ. (...) FOI NO OUTRO DIA, AS POLÍCIAS DE CÁ E NÓS ROLAMOS E “LÁ VEM AS POLÍCIAS!” AQUI NÓS PROCURAMOS NOSSA BORDUNA E MARACÁ E QUANDO ELAS CHEGARAM NO TERRENO NÓS ESTAMOS DANÇANDO, DANÇANDO TORÉ E BALANÇANDO O MARACÁ E COM A BORDUNA NA MÃO. NÓS ESTAMOS DANÇANDO E SE OLHARAM ASSIM, PARARAM COM O CARRO, PARARAM, OLHARAM ASSIM, FICARAM OLHANDO, NÓS DANÇANDO TORÉ CANTANDO. PARARAM, FICARAM OLHANDO, PEGARAM O CARRO E FORAM EMBORA, MAS NÃO FEZ NADA. NÓS ESTAVA DANÇANDO NOSSO TORÉ... FORAM EMBORA.

AÍ QUANDO MAIS NO OUTRO DIA VAI DE NOVO AS POLÍCIAS, JÁ VAI DOIS CARROS DE POLÍCIA NÓS AQUI JÁ VIA AS POLÍCIAS, CADA UM VAI PROCURAR SEU MARACÁ, SUA BORDUNA E VAMOS CANTAR E DANÇAR O TORÉ. E VEM ESSE POVO PARADO. AÍ FICARAM PARADOS DE NOVO. O QUE É QUE ELAS IRIAM FAZER SE NÓS TAVA DANÇANDO TORÉ COM O MARACÁ E TUDO MAIS? (...) DEUS AJUDOU QUE ACALMOU.

(22:00)

CADA UM FEZ SUAS BARRACAS, SUAS BARRAQUINHAS E TINHA O BARRACÃO DE FAZER AS REUNIÕES. E NÓS FICAMOS CADA UM COM SUA BARRAQUINHA. AÍ QUANDO PENSA QUE NÃO, VOLTEMOS DE NOVO PARA RESERVA, DEIXEMOS COMADRE DIÓ CÁ. BEM QUE QUANDO NÓS CHEGOU PARA LÁ, A MATA ESTAVA PEGANDO FOGO, EU ESQUECI DE CONTAR LÁ POR PRIMEIRO, A MATA PEGANDO FOGO, E AÍ COMO É QUE O BREJO SÓ ERA FOGO? NÃO SEI COMO QUE TOCARAM FOGO NESSE BREJO. AÍ NÓS APAGARAM ESSE FOGO. QUEIMOU UM PEDAÇO DA MATA E TUDO E PENETROU PARA DENTRO DESSE FOGO, FOI CHAMANDO OS POVO PARA APAGAR ESSE FOGO. DEUS AJUDOU QUE APAGOU FOGO. AÍ QUANDO APAGOU FOGO, COM MAIS DIAS, AGORA NÓS VAMOS VOLTAR PARA A MATA, VAMOS VOLTAR PARA A MATA DE NOVO. NÓS SAÍMOS DE CÁ DO CAMPO E FOMOS PARA A MATA, LÁ CADA UM FOI FAZER SEU BARRACO DE NOVO, CADA UM FEZ O BARRAQUINHO E TINHA UMA BARRACA GRANDE QUE ERA DE FAZER AS REUNIÕES TAMBÉM PORQUE LÁ ATÉ FICOU ATÉ TODO... ASSIM, OS MENINOS ESTUDAVAM, A PRIMEIRA ESCOLA QUE TEVE FOI LÁ NA MATA, NESSA MATA FIZERAM, TINHA UMA BARRACA, FIZERAM A ESCOLA LÁ, AÍ OS MENINOS ESTUDAVAM E TUDO MAIS. AÍ FOI UM DIA, FOI UM DIA E IPÊ FALOU “D’AJUDA – QUE TUDO ELE FALAVA COMIGO TAMBÉM, AÍ A GENTE ESTAVA NO FOGO E EU ESTAVA NA MINHA CASA E ELE FALOU D’AJUDA DEPOIS DA MANHÃ NÓS VAMOS RETOMAR O SANTO AMARO” “NUM GUENTO CORRER EM FRENTE DE POLÍCIA NÃO” (23:54) AÍ ELE DISSE “QUE NADA, D’AJUDA, NÃO VAI TER NADA NÃO. A SENHORA VAI?” DIGO “VOU”, SE EU JÁ ESTAVA NO FOGO EU IA CORRER FORA DO FOGO COM ELE, COMO ATÉ HOJE ELE TÁ AÍ. MAS EU NÃO SOU CONTRA ELE, ABAIXO DE DEUS IPÊ, ELE FOI O QUE LUTOU PARA PODER HOJE EM DIA NÓS TÁ AQUI, EU NÃO VOU SER CONTRA ELE DE MANEIRA ALGUMA, EU NÃO SOU FALSA PARA MIM PELO QUE ELE FEZ E EU DEPOIS VIRÁ CONTRA ELE? NÃO.

³DURANTE NOSSA CAMINHADA COM NADINHO, VISITAMOS O LOCAL.

(...)

CHEGOU LÁ COM A DIÓ, TAVA NADINHO, PARECE QUE TUQUINHO E OUTRO TAMBÉM QUE MORAVA LÁ EM CIMA. AÍ NÓS RETOMOU ISSO AÍ, GRAÇAS A DEUS, ESTAMOS AQUI (...)

QUANDO NÓS TAVA AQUI, AÍ UMA NOITE EU SONHEI QUE TINHAM DOIS BRAÇOS ABERTOS AQUI DESSE LADO, MAS ERA COMO QUE ERA DOIS GALHOS DE ROSA, QUE ERA ROSA, IA PEGAR DESDE AQUI ATÉ O DEDO DO OUTRO LADO TAMBÉM. MAS ERA UM ROSA ASSIM... UM ROSA SECO, NÃO ERA ROSA VERMELHA, NÃO ERA ROSA MUITO ROSA, ERA UMA ROSA SECO, NÃO ERA NEM BRANCO NEM TAMBÉM VERMELHA. ERA UMA ROSA BONITA.

AÍ AMANHECEU O DIA. EU DIGO "IPÊ, MEU IRMÃO EU TIVE UM SONHO, FOI LÁ NA ALDEIA QUE EU TIVE ESSE SONHO, QUE ERA PRA NÓS DESCER PRA RETOMAR AQUI, EU TIVE ESSE SONHO, QUE TAVA ESSE BRAÇO ABERTO PRA CÁ POR ONDE TÁ A GENTE, NÉ. AÍ EU DIGO: "IPÊ, NÓS VAMO RETOMAR LÁ E NÃO VAI TER NADA COM NÓS, PORQUE NÃO VAI TER MESMO." NÃO, PORQUE ÀS VEZES EU FALO EU DIGO QUE EU TIVE UM SONHO E DOIS GALHOS DE ROSA NO CÉU, E TODO CHEIO DE ROSA. AGORA, EU NÃO VI AQUI (O ROSTO), ERA DOIS BRAÇOS DE UMA PESSOA, MAS EU NÃO VI AQUI, EU NÃO VOU MENTIR, EU NÃO VI AQUI O TAMANHO DA PESSOA NEM A FEIÇÃO. ERA SÓ OS BRAÇOS. AÍ NÓS VEIO, GRAÇAS A DEUS NÃO TEVE NADA MESMO, AÍ NÓS FICAMOS.

(29:10)

LÁ VEM UMA LIMINAR PRA TIRAR NÓS, AÍ IPÊ (...): "Ó DONA D'AJUDA MAS JÁ TEM UMA LIMINAR PRA NÓS SAIR." EU DIGO: "É IPÊ, VOCÊ TÁ LEMBRADO DO SONHO QUE EU TIVE?" ELE DISSE: "TÔ", "POIS É, CONFIA MEU IRMÃO, NÃO TENHA MEDO." GRAÇAS A DEUS PARARAM AÍ COM ESSA LIMINAR, AÍ PRONTO, TEVE OUTRO TEMPO SEM MEXER COM NÓS. QUANDO PENSA QUE NÃO, LÁ VEM DE NOVO UMA LIMINAR PRA TIRAR NÓS, AÍ EU DIGO: "QUE NADA! COM FÉ EM DEUS NÓS NÃO VAI SAIR DAQUI! AQUELE BRAÇO FORTE, EU CREIO!". AÍ O POVO AQUIETARAM E GRAÇAS A DEUS SOSSEGOU TUDO, "NÓS ESTAMOS AQUI E SÓ VAMOS SAIR DAQUI QUANDO NÓS MORRER. PORQUE DEUS, ELE É DEUS E ISSO AQUI É NOSSO."

MEDICINA E MATERNIDADE, PARTO E RESGUARDO

(44:50)

CLARA: DONA JAÇANÃ, A SENHORA SEMPRE MEXEU COM PLANTA, NÉ? E SEMPRE FEZ MEDICINA COM ELAS?

DONA JAÇANÃ: SIM! NÃO SABIA BEM, MAS DESDE CRIANÇA JÁ FAZIA REMÉDIO. COMO UMA VEZ QUE MINHA MÃE ESTAVA COM UMA DOR, MAS NÃO SABIA O QUE QUE ERA. (...) ELA TINHA MUITA PLANTA MEDICINAL NO QUINTAL DELA. AÍ CHEGUEI E ME DEU NO CORAÇÃO PRA APANHAR O TRANÇAGEM. PEGUEI ACHO QUE FOI 4 OU 5 FOLHAS E VIM. (...) QUANDO FERVEU ESSE CHÁ, ESPEREI ESFRIAR E DEI PRA MINHA MÃE BEBER, E GRAÇAS A DEUS QUE ALIVIOU A DOR. AÍ COMECEI A FAZER REMÉDIO. (...) AÍ FUI CRESCENDO COM ESSE DOM E HOJE EM DIA EU FAÇO GARRAFADA, UM BOCADO DE REMÉDIO COM AS ERVAS. ASSIM COMO JÁ FUÍ PARTEIRA E FAÇO MUITOS REMÉDIOS PARA MINHAS MULHERES.

(4:43)

CLARA: A SENHORA FAZ PARTO A QUANTO TEMPO?

DONA JAÇANÃ: EU FIZ COM 20 ANOS DE IDADE, MAS DESDE 12 ANOS QUE EU TINHA VONTADE DE FAZER PARTO.

CLARA: SEMPRE TEVE?

DONA JAÇANÃ: SIM, SEMPRE TIVE AQUELA VONTADE DE FAZER PARTO EU SEI QUE GRAÇAS A DEUS QUE EU FIZ O PARTO, O PRIMEIRO PARTO É DE COSME (TAPURUMÃ) ALI. ELA CONHECE.



FABIANA PATAXÓ: ELE FOI UM DOS VICE-CACIQUES DAQUI DA COMUNIDADE. É UMA GRANDE LIDERANÇA DA NOSSA COMUNIDADE.

DONA JAÇANÃ: FOI O PRIMEIRO PARTO QUE EU JÁ COMECEI A FAZER. E DAÍ TAMBÉM NÃO AQUIETEI MAIS. FUI FAZENDO PARTO, ANDAVA EM TANTOS LUGARES, ERA DE DIA, ERA DE NOITE, ERA COM CHUVA, ERA SEM CHUVA, VIAJAVA E FAZIA UM PARTO. E AGORA, SOSSEGUEI MAIS, JÁ TÔ FICANDO NOVA, NÃO POSSO MAIS FAZER ESSES TRABALHOS, JÁ ENTREGUEI O CARGO. MAS TAMBÉM... SE CASO TIVER UMA MULHER PRA GANHAR NENÉM E JÁ TÁ QUASE NA HORA, ME CHAMA DE PRONTO TAMBÉM, EU VOU FAZER O PARTO, EM NOME DE TUPÃ. MAS NÃO QUERO MAIS FICAR FAZENDO PARTO NÃO, QUE JÁ TÔ NOVA DEMAIS.

CLARA: E QUEM ENSINOU, SENHORA?

DONA JAÇANÃ: TUPÃ. FOI TUPÃ. PORQUE EU NÃO SABIA DE NADA, EU ERA UMA CRIANCINHA. HOJE EM DIA, AS CRIANCINHAS DESSE TAMANHO ASSIM SABEM MAIS DO QUE EU. E EU NÃO SABIA NADA. QUE NÃO TINHA TELEVISÃO, NEM SONHAVA DE TER TELEVISÃO, NÃO TINHA CELULAR, NADA DISSO TINHA, EU NÃO TINHA COMO APRENDER. JÁ VEIO ASSIM, JÁ DE BERÇO AQUELA VONTADE, AQUELA VONTADE DE FAZER PARTO. PORQUE A GENTE NÃO APRENDE, A GENTE PENSA QUE A GENTE FAZ UM PARTO PORQUE JÁ VIU FAZER, TEM AQUELA VONTADE DE FAZER UM PARTO, PORQUE JÁ VIU FAZENDO PARTO, MAS EU NÃO VI NADA. DE PRIMEIRA MUITO ESCONDIDO, ÀS VEZES EU VIM SABER QUE A MULHER TINHA GANHADO NENÉM, ERA DEPOIS QUE DESSE O BANHO NO MENINO, A GENTE ESTAVA COM A MULHER LÁ E TUDO, ERA QUE A GENTE IA ENTRAR NO QUARTO PARA VER AQUELE MENINO, MAS ANTES DISSO NÃO ENTRAVA NINGUÉM DENTRO DOS QUARTOS.

(...)

DE PRIMEIRO QUE EU CONHECI MINHA MÃE QUANDO ESTAVA GRÁVIDA. EU NÃO SABIA QUE ELA ESTAVA GRÁVIDA, NÃO SABIA. (...) VEJA QUE UM DIA MINHA MÃE FOI PESCAR. ELA VEIO E SENTOU: "MAS ESTOU COM UMA FOME." OLHEI ASSIM PARA MINHA MÃE: "A SENHORA COM ESSA BARRIGA TÃO CHEIA, E ESTÁ COM FOME?" MAS QUE ELA ESTAVA GRÁVIDA, EU NÃO SABIA QUE ERA GRAVIDEZ. "MÃE E A SENHORA COM A BARRIGA TÃO CHEIA E ESTÁ DIZENDO QUE ESTÁ COM FOME?", ELA DISSE: "É, MINHA FILHA, EU ESTOU COM FOME." MAS NÃO FALOU QUE ERA GRAVIDEZ. (...)

(50:00)

DONA JAÇANÃ: ATÉ QUE REALIZEI MEU SONHO, JÁ PEGUEI MIL E TANTAS CRIANÇAS...

PABLO: E COMO QUE É CUIDADO DEPOIS, DA MÃE DAS CRIANÇAS?

DONA JAÇANÃ: EU VOU CUIDAR DA MÃE, DAS CRIANÇAS, VOU DAR MASSAGEM, DAR BANHO DE ASSENTO NAS MULHERES, PASSA AQUELE BANHO BEM FORTE PRA PODER SARAR... PORQUE A MULHER QUANDO GANHA NENÉM ELA FICA TODA INFLAMADA... (...) EU TODA VIDA TIVE CUIDADO COM MINHAS MULHERES, MINHAS CRIANCINHAS. (...) E HOJE EM DIA NÃO QUEREM SABER MAIS DISSO NÃO, NEM GUARDA RESGUARDO MAIS! (...) GANHA NENÉM AGORA E JÁ TÁ EM PÉ, JÁ TÁ SAINDO PRA RUA... GENTE, PELO AMOR DE DEUS! TU QUER MORRER?! DEPOIS QUER DIZER QUE FOI A PARTEIRA. QUER SER FORTE DEMAIS.

(...)



PABLO: E O RESGUARDO É SÓ DESCANSO OU COMIDA TAMBÉM?

DONA JAÇANÃ: TEM A COMIDA TAMBÉM, NÃO PODE COMER DE TUDO. (...) TEM FRUTAS MANSAS E TEM OUTRAS QUE É BRAVA, NÉ? COMO O ABACAXI, É UM VENENO NÉ? (...)

(59:00)

BRENDA: QUANTO TEMPO TEM QUE FICAR DE RESGUARDO?

DONA JAÇANÃ: UM ANO! UM ANO SEM COMER ABACAXI, POCÃ (...) CARNE DE GADO, FRANGO, PORCO TEM VEZ QUE COME (...) BOI SÓ CASTRADO. PORCA NÃO PODE COMER PORQUE ELA É PARIDEIRA.

(...)

(1:06:16)

FABIANA PATAXÓ: Ô DONA JAÇANÃ, A SENHORA FALOU DOS RESGUARDOS AÍ, DO QUE NÃO PODE COMER, MAS TEM OUTROS TIPOS, NÉ? PORQUE EU MESMA QUANDO TIVE CECÍLIA, MAINHA NÃO DEIXAVA EU ANDAR COM PÉ NO CHÃO, LAVAR O CABELO...

DONA JAÇANÃ: FOI BOA ELA! ISSO TUDO EU ENSINEI PRA ELA! (...) 30 DIAS SEM LAVAR O CABELO! (...) MINHA FILHA ALI TINHA POUCOS DIAS QUE TINHA GANHADO NENÉM E ELA FOI LAVAR A CABEÇA... DEU UMA DOR DE OUVIDO QUE EU NÃO SEI SE POCOU O OUVIDO DELA, PRECISOU FAZER UM MONTE DE REMÉDIO PRO OUVIDO. PORQUE PARTO NÃO É BRINCADEIRA!

1.3. ÁLBUM DE IMAGENS



Foto 1: Todos atentos às histórias de Dona Jaçanã, onde cada palavra revela a riqueza cultural e ancestral de Aldeia Velha.



Foto 2: Jamilles concentrada nas anotações do diário de campo, capturando as memórias e experiências de Dona Jaçanã.

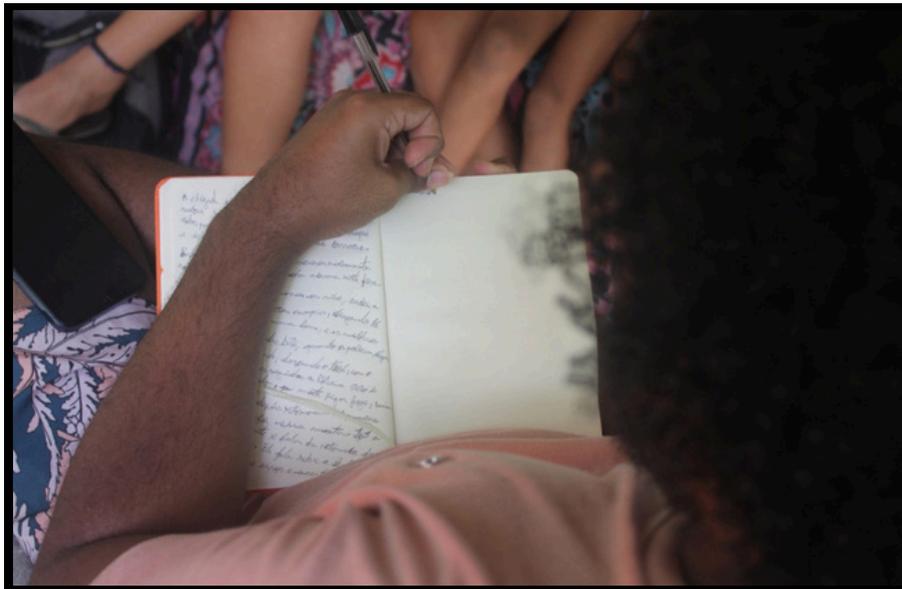


Foto 3: Ruan imerso nas anotações do diário de campo, registrando cada detalhe da vivência em Aldeia Velha.



Foto 4: Sabedoria e força de Dona Jaçanã, guardiã das tradições em Aldeia Velha.



Foto 5: Dona Jaçanã, símbolo de sabedoria e ancestralidade em Aldeia Velha, preservando histórias e tradições.



Foto 6: Todos atentos e registrando as palavras de Dona Jaçanã, eternizando a sabedoria de Aldeia Velha em suas anotações.



Foto 7: Em silêncio reverente, todos anotam as histórias e ensinamentos de Dona Jaçanã, preservando a riqueza cultural de Aldeia Velha.



Foto 8: Rai, filha e sucessora de Dona Jaçanã, carregando com orgulho o legado ancestral de Aldeia Velha.

2. TXAIWÃ E HAYWÃ

2.1. RELATO DA VISITA DO DIA 05/09

NO DIA 05/09, REUNIMOS-NOS NOVAMENTE DO OUTRO LADO DA Balsa de Arraial d'AJUDA PARA DAR CONTINUIDADE À NOSSA PESQUISA DE CAMPO. ERA O MESMO PONTO DE ENCONTRO DA SEMANA ANTERIOR, E MESMO HORÁRIO. À MEDIDA QUE OS COLEGAS IAM CHEGANDO, CONVERSÁVAMOS SOBRE AS IMPRESSÕES DA PRIMEIRA VISITA E AS EXPECTATIVAS PARA O NOVO ENCONTRO. ENQUANTO AGUARDÁVAMOS O PROFESSOR, TROCAMOS IDEIAS SOBRE OS TÓPICOS DESSA NOVA CONVERSA E NOS PREPARAMOS PARA MAIS UMA IMERSÃO NA ALDEIA VELHA. QUANDO O PROFESSOR CHEGOU, TODOS SUBIMOS NO TRANSPORTE E PARTIMOS EM DIREÇÃO À ALDEIA, ATENTOS AO QUE NOS AGUARDAVA NO TRAJETO JÁ CONHECIDO.

O LOCAL DA NOSSA SEGUNDA VISITA FOI NAS PROXIMIDADES DA ESCOLA DA ALDEIA, ONDE NOS ENCONTRAMOS COM UMA DAS LIDERANÇAS DA COMUNIDADE, O TXAIWÃ, QUE TRABALHAVA EM SEU KIJEME DE ARTESANATO. AO CHEGARMOS, ENCONTRAMOS HAYWÃ DEITADO EM SUA REDE, DESCANSANDO EM FRENTE À ESCOLA DA ALDEIA, QUE TAMBÉM ESTAVA SITUADA A POUCOS METROS DA PRIMEIRA ESCOLA QUE A COMUNIDADE HAVIA TIDO. APROVEITAMOS A OPORTUNIDADE PARA CONVERSAR COM ELE TAMBÉM. ELE NOS DISSE QUE TXAIWÃ ESTAVA TOMANDO BANHO E QUE JÁ CHEGAVA.

INICIAMOS A CONVERSA COM TXAIWÃ E HAYWÃ. JÁ ESTÁVAMOS TODOS SENTADOS, APÓS TERMOS EXPLORADO A LOJA DE TXAIWÃ, QUE FICAVA NO MESMO ESPAÇO. DURANTE O DIÁLOGO, TIVEMOS A OPORTUNIDADE DE CONHECER MELHOR AMBÃS AS LIDERANÇAS, ENTENDENDO SUAS HISTÓRIAS E OS PAPÉIS QUE DESEMPENHAM NA CONSTRUÇÃO DA ALDEIA. CONVERSAMOS SOBRE SUAS PARTICIPAÇÕES NOS PROCESSOS DE LUTA E CONQUISTA DE DIREITOS, ESPECIALMENTE EM RELAÇÃO À EDUCAÇÃO EM SEU TERRITÓRIO E À CONSTRUÇÃO DA ESCOLA, ELEMENTOS QUE FORAM E SÃO ESSENCIAIS PARA A COMUNIDADE. DURANTE ESSA CONVERSA, AS LIDERANÇAS ENFATIZARAM A RELEVÂNCIA DOS JOGOS INDÍGENAS, UM TEMA QUE, SEGUNDO ELAS, MERECE ATENÇÃO ESPECIAL DEVIDO À SUA COMPLEXIDADE E AO PROFUNDO SIGNIFICADO CULTURAL QUE CARREGAM DENTRO DE SEU POVO. TXAIWÃ APRESENTOU UM CALENDÁRIO DOS JOGOS, FALOU SOBRE DATAS E ALTERAÇÕES EM FUNÇÃO DAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS. ELE EXPLICOU QUE ESSES JOGOS VÃO ALÉM DA MERA DIVERSÃO, POIS TRANSMITEM SABERES ANCESTRAIS E FORTALECEM A IDENTIDADE CULTURAL DA COMUNIDADE, ESPECIALMENTE COM AS MUDANÇAS NOS ADEREÇOS UTILIZADOS, QUE TODOS OS ANOS SE RENOVAM.

TXAIWÃ COMPARTILHOU SUAS REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE RETOMADA DO TERRITÓRIO, UM ASSUNTO QUE EXPLOROU EM SEU TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC). ELE MENCIONOU QUE SUA FAMÍLIA SEMPRE TEVE UMA CONEXÃO TRADICIONAL COM O ARTESANATO, VENDENDO PRODUTOS PARA A COMUNIDADE INDÍGENA DE COROA VERMELHA ANTES DA RETOMADA LIDERADA PELO CACIQUE IPÊ A SUA ALDEIA. TXAIWÃ RECORDOU COM EMOÇÃO QUE SEU PAI FOI CONVIDADO PELO CACIQUE IPÊ PARA FORMAR ESSA NOVA ALDEIA, UM MARCO SIGNIFICATIVO NA HISTÓRIA DO POVO, QUE PERMANECE VIVO NA MEMÓRIA COLETIVA DE SUA FAMÍLIA E COMUNIDADE. TXAIWÃ TAMBÉM COMENTOU SOBRE A REVITALIZAÇÃO DA LÍNGUA, COMPARTILHANDO COMO APRENDEU A FALAR FLUENTEMENTE O IDIOMA PATXOHÃ DURANTE SUAS ANDANÇAS PELOS TERRITÓRIOS. ELE SE RECORDOU DE SUAS VIAGENS A BARRA VELHA, ONDE FAZIA ANOTAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE RETOMADA DA LÍNGUA, UM TRABALHO QUE EXIGIU MUITOS ANOS DE DEDICAÇÃO. TXAIWÃ ENFATIZOU QUE A LÍNGUA É UM ELEMENTO ESSENCIAL PARA A IDENTIDADE CULTURAL DO POVO PATAXÓ, FUNCIONANDO COMO UM ELO ENTRE AS GERAÇÕES PASSADAS E PRINCIPALMENTE PARA O FUTURO DO SEU POVO.

TODA A HISTÓRIA DA ALDEIA É ENRIQUECIDA PELOS RELATOS SOBRE OS LOCAIS SAGRADOS, COMO MENCIONOU TXAIWÃ AO FALAR DO SAMBAQUI, UM ANTIGO SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE CONCHAS QUE ATESTA A PRESENÇA DE POVOS QUE HABITARAM A REGIÃO ONDE HOJE SE LOCALIZA A ALDEIA. ESSA CONEXÃO COM O PASSADO SE TORNA AINDA MAIS SIGNIFICATIVA, POIS TIVEMOS A OPORTUNIDADE DE CONHECER O SAMBAQUI EM NOSSA VISITA SEGUINTE AO TERRITÓRIO, O QUE APROFUNDOU NOSSA COMPREENSÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E CULTURAL DAQUELE ESPAÇO PARA A COMUNIDADE PATAXÓ.

ABAIXO SELECIONAMOS ALGUNS TRECHOS DA CONVERSA COM TXAIWÃ, TRECHOS QUE, DE ALGUMA FORMA, ILUSTRAM OS PONTOS FORTES DESSA CONVERSA QUE TIVEMOS COM ELE.

2.2. TRECHOS DA ENTREVISTA

INDICAÇÕES:

T: TXAIWÃ (ENTREVISTADO)

P: PROFESSOR PABLO

F: FABIANA (ALUNA)

C: CLARA (ALUNA)

H: HAYWÃ (ENTREVISTADO)

EDUCAÇÃO E JOGOS INDÍGENAS INFANTO JUVENIL

[04:52:00]:

C: ENTÃO, VOCÊ DISSE QUE FOI PRA UFMG, NÉ? QUE CURSO QUE CÊ FEZ LÁ?

T: LÁ EU FIZ LICENCIATURA INTERCULTURAL PARA PROFESSORES INDÍGENAS NA ÁREA DAS CIÊNCIAS NA (...) DA NATUREZA NÉ, E DEMAIS COLEGAS DAQUI TAMBÉM FIZERAM OUTRAS ÁREAS, QUE LÁ OFERTA QUATRO ÁREAS NÉ? (...) MATEMÁTICA...

C: TUDO LICENCIATURA NÉ?

T: CIÊNCIAS SOCIAIS, CIÊNCIAS DA NATUREZA E LINGUAGENS.

C: AÍ HOJE EM DIA VOCÊ DÁ AULA AQUI NO COLÉGIO?

T: NÃO, EU ATUEI POR ALGUNS ANOS, UNS 12 ANOS...

C: RAPAIZ... ALGUNS ANOS?

T: ALGUNS ADOLESCENTES AÍ PASSARAM POR MIM. E NO PERÍODO DA PANDEMIA É QUE EU ME AFASTEI UM POUCO DA ESCOLA NÉ, ATÉ EM 2021, ATÉ MESMO PARA QUE OUTROS PARENTES POSSAM PODER EXERCER NÉ E VIVENCIAR ESSA MESMA EXPERIÊNCIA NÉ? E DEPENDER TAMBÉM DÁ UM TEMPO PRA REPOR AS ENERGIAS QUE TAMBÉM CHEGA UMA HORA QUE (RISADA) NÃO É FÁCIL NÃO.

[06:25:00]

H: ATÉ A DIRETORA QUERIA QUE EU CONTINUASSE, EU FALEI, NÃO, MINHA PRIORIDADE, MINHA ESPECIALIDADE É EM ESCOLAS INDÍGENAS, NÃO QUE EU NÃO TRABALHE EM ESCOLA NÃO INDÍGENA, EU TRABALHO, MAS MINHA PRIORIDADE HOJE, ASSIM, QUANDO A GENTE PASSA NA LICENCIATURA, A GENTE ASSINA UM TERMO E COMPROMETE COM AS NOSSAS COMUNIDADES. MINHA DEVOÇÃO EXCLUSIVA HOJE, MINHA DEDICAÇÃO EXCLUSIVA HOJE É TRABALHAR NAS ESCOLAS INDÍGENAS NÃO QUE NÃO FOSSE ASSIM, NÃO FOSSE UM AMBIENTE AGRADÁVEL TER TRABALHADO, LÁ FOI SIM, AGRADECI MUITO A GENTE LÁ NO COLÉGIO MUNICIPAL, EU CONTINUAVA TENDO UM COMPROMISSO COM A COMUNIDADE INDÍGENA, NÃO SÓ DE ALDEIA VELHA, MAS COM O PATAXÓ.

[07:06:00]

P: EM QUE ESCOLA NÃO INDÍGENA VOCÊ DEU AULA?

H: O MUNICIPAL DE PORTO SEGURO. UM POUCO DEPOIS DA Balsa.

P: E COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE DAR AULA PARA UMA ESCOLA DE NÃO INDÍGENA?

H: NOSSA, É ASSIM, ÀS VEZES EU GOSTO DE CONTINUAR COM UNS TERMOS NOSSOS, PORQUE PELO COSTUME QUE É, ACHO QUE TEM EM BELO HORIZONTE, NÉ, TXAIWÁ? UMA EXPERIÊNCIA INCRÍVEL, ASSIM, PORQUE EU PENSAVA, EU COMO PROFESSOR PENSAVA QUE SERIA, ASSIM, ALGO MUITO DIFERENTE DAQUILO QUE EU VIVENCIAVA. MAS É EM TERMOS, ASSIM, DA CULTURA VIVIDA, NÉ? EU NÃO VOU TOPAR UM ALUNO COM COCAR, COM COLAR, ÀS VEZES FALANDO NA LÍNGUA E TUDO, MAS, ASSIM, EM TERMOS DE... DA DOCÊNCIA EM SI, É UM POUCO PARECIDO, ÀS VEZES, INCLUSIVE A DISCIPLINA DE MATEMÁTICA, OS PROBLEMAS ENCONTRADOS QUE EU ENCONTREI LÁ NO MUNICIPAL, ALGUNS TAMBÉM É ENCONTRADO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. AQUELE MITO DE QUE A MATEMÁTICA É UMA DISCIPLINA DIFÍCIL E TAL, AQUELA COISA TODA, É MUITO PARALELO A ISSO.

P: É DIFÍCIL PARA TODO MUNDO.

H: É DIFÍCIL PARA TODO MUNDO, TEM AQUELE RECEIO. AÍ ASSIM, DEPOIS A GENTE ESTÁ COM MUITOS ALUNOS, NÃO, QUEBRAM ESSE PARADIGMA. EU VI MUITAS METODOLOGIAS QUE EU USO NA EDUCAÇÃO, QUE SÃO JOGOS EDUCATIVOS. INCLUSIVE, É UM PRODUTO DE MESTRADO, O TRABALHO COM A LUDICIDADE, COM OS JOGOS LÚDICOS. E ASSIM, EU PUDE ASSIM, QUEBRAR UM POUCO ESSE PARADIGMA. E FIQUEI ATÉ FELIZ.

[11:40:00]

P: O QUE FOI? O TEU TCC FOI SOBRE O QUÊ?

T: FOI RELACIONADO A UM EVENTO QUE É DA ESCOLA DE JOGOS INDIGENA INFANTO JUVENIL. E EU MESMO REALIZEI, NÉ? A PARTIR DA MINHA INFLUÊNCIA NA ESCOLA, NÉ? E ESSE JOGO DE HOJE É O MAIOR EVENTO CULTURAL DA COMUNIDADE, ELE É PREPARADO UNS 3 MESES ANTES, UMA SEMANA SÓ PRA PREPARAÇÃO. SUPEROU A FESTA ORIGINÁRIA DA ALDEIA QUE É A FESTA DO DIA 29.

P: QUANDO QUE É O JOGO?

T: ELE ACONTECE GERALMENTE NA PRIMEIRA SEMANA DE NOVEMBRO ENTRE A PRIMEIRA E A SEGUNDA SEMANA.

[13:43:00]

H: QUANDO A GENTE DISCUTE O CALENDÁRIO, A GENTE DEFINE AS VEZES SE PODE ALTERAR A DATA, COMO FOI ALTERADO NO PASSADO, PARA VER SE, ÀS VEZES... SURTEM MUDANÇAS PARA MELHOR, NÉ? PORQUE ÀS VEZES É ASSIM, A QUESTÃO DO TEMPO, SERÁ QUE ESSE PERÍODO VAI SER ESCURO, ESSE NÃO VAI SER MUITO QUENTE? AÍ PODE SER ALTERADO, AÍ FOI FEITA A EXPERIÊNCIA QUE NÃO DEU CERTO. AÍ QUANDO A QUESTÃO DA PARTICIPAÇÃO ENTRE ALUNOS, ÀS VEZES A GENTE TENTA FAZER UMA EQUIDADE, PORQUE A IDEIA DOS JOGOS É UMA CELEBRAÇÃO E NÃO UMA COMPETIÇÃO. ÀS VEZES QUANDO MUITAS PESSOAS DE FORA VÊM, AH, TÁ AQUELA COISA... NÃO É O GANHAR DA OUTRA EQUIPE, É O CELEBRAR. SE A FABIANA ESTIVER NA EQUIPE AMARELA OU NA VERMELHA, EU IRIA NO CASO, POR EXEMPLO. GERALMENTE VOCÊ SEPARA AS MODALIDADES POR GÊNERO. MAS MESMO QUE NÃO FOR, VAMOS SUPOR QUE A GENTE É DO MESMO GÊNERO. SE EU VENCER ELA, NÓS DOIS VENCEMOS JUNTOS. SE ELA VENCER, EU TAMBÉM ESTOU FELIZ POR AQUILO, PORQUE É UMA CELEBRAÇÃO. A GENTE TENTA COLOCAR NA CABEÇA DOS ALUNOS QUE O IMPORTANTE É A GENTE IR, É A GENTE CELEBRAR, PORQUE É UMA CONQUISTA PARA NÓS.

[15:46:00]

T: EU COMECEI A ATUAR.

P: E QUANDO FOI A PRIMEIRA TENTATIVA DO JOGOS?

T: FOI EM 2009, TEVE MUDANÇA DE PRÉDIO E FICOU PARADO E EM 2013 NÓS RETOMAMOS. ENTÃO, DE LÁ PRA CÁ, SÓ PARAMOS NA PANDEMIA UM ANO E ANUALMENTE ACONTECE.

P: DESDE 2013?

T: ISSO. NO MEU TRABALHO EU RELATO MUITO A QUESTÃO DA AUTOESTIMA DAS CRIANÇAS AO PARTICIPAR. AGUARDO MUITO POR ESSA DATA, EU FICO ANSIOSO PARA QUE CHEGUE ESSE MOMENTO.

RETOMADA

18:01.

F: Ô, TXAIWA, MAS FALA UM POUQUINHO PRA GENTE TAMBÉM DESSA QUESTÃO QUE VOCÊ FALOU DAS FAMÍLIAS QUE ESTAVAM NA RETOMADA, QUE ESTAVAM LIDANDO ESSE DIA. EU TÔ VENDO UM POUCO DA HISTÓRIA DO SEU PAI, QUE TEM NO LAUDO, NÉ? DA ALDEIA. E AÍ FALO DESSE PROCESSO, PORQUE A GENTE ESCUTA MUITO DOS MAIS VELHOS FALAR SOBRE A RETOMADA. A GENTE TEVE SEMANA PASSADA COM A DONA JAÇANÃ E A GENTE ESCUTA MUITO. MAS, ASSIM, É MUITO DIFÍCIL A GENTE OUVIR UM JOVEM FALAR DA QUESTÃO DA RETOMADA. E EU SEI QUE VOCÊ TEVE PRESENTE. ENTÃO, POR FAVOR, FALA UM POUQUINHO DO PROCESSO.

T: NO MEU TRABALHO, EU RELATO UM POUCO DA PARTE DA MINHA INFÂNCIA E O QUE ACONTECEU JUSTAMENTE NESSE PERÍODO DA RETOMADA DO NOSSO TERRITÓRIO. NÓS SOMOS UMA FAMÍLIA TRADICIONAL, NÉ? UMA FAMÍLIA BEM TRADICIONAL. E TINHA MUITA RELAÇÃO JÁ COM... INDÍGENA, POR MAIS QUE A GENTE ERA DESALDEADO, MAS TINHA MUITA RELAÇÃO COM COROA VERMELHA, NÉ? OS PARENTES DE LÁ, QUE É MUITO... A FAMÍLIA, ASSIM, É ORIGINÁRIA DE... QUESTÃO DO PRODUIR O ARTESANATO, NÉ? ENTÃO, SAÍA MUITO PRA VENDER EM COROA VERMELHA, NÉ? POR MAIS QUE A GENTE NÃO... MORAVA EM ALDEIA, MAS SAÍA PRA VENDER EM OUTRAS ALDEIAS.

P: MORAVA AQUI NO ARRAIAL?

T: EM VALE VERDE. PORQUE EM VALE VERDE TEM OS DOIS LADOS, NÉ? DESSE LADO TEM O LADO DE LÁ E O LADO DE CÁ, E A GENTE MORAVA DO OUTRO LADO DO RIO. O MEU PAI SEMPRE VINHA PESCAR NESSA REGIÃO AQUI (...) E MEU PAI JÁ CONHECIA ESSA REGIÃO AQUI, PORQUE ELE IA PESCAR POR AQUI PARA IR PARA O ARRAIAL, PARA IR PARA ESSE LADO DE CÁ. ENTÃO, QUANDO O CACIQUE IPÊ TEVE ESSA INICIATIVA... DE RETOMAR NOVAMENTE, PORQUE ELE FOI TENTAR RECONQUISTAR DE DUAS FASES. A PRIMEIRA FASE FOI EM 92, ENTÃO NÃO DEU CERTO A TENTATIVA. EM 98, ELA DEU CERTO E FOI ESSA QUE A GENTE CONSEGUIU O (...). NÃO TEVE DESOCUPAÇÃO DE 1998 ATÉ HOJE. A GENTE PERMANECEU NA ÁREA E HOJE É UMA ALDEIA, É UM TERRITÓRIO RECONHECIDO, TANTO TERRITORIALMENTE QUANTO OFICIALMENTE. ENTÃO, ASSIM, NESSE SENTIDO, O MEU PAI FOI CONVIDADO PARA SE AGREGAR ÀS OUTRAS FAMÍLIAS PARA PODER SE OCUPAR DO TERRITÓRIO E TOMAR. PARA FORMAR UMA OUTRA ALDEIA, PARA ATÉ MESMO ALDEAR AS DEMAIS FAMÍLIAS QUE FORAM EXPULSAS DE SEUS TERRITÓRIOS. ENTÃO, ELE, NA CERTEZA DE QUE AQUI É UM TERRITÓRIO ANCESTRAL, ISSO FOI COMPROVADO ANTROPOLÓGICAMENTE. E POR ISSO, AO VER QUE ELA HOJE É DEMARCADA, A GENTE PRECISSOU DE BONS ANTROPÓLOGOS PARA PODER FAZER ESSE REGISTRO REALMENTE. E ATÉ QUE NÃO FOI DIFÍCIL, PORQUE TALVEZ SEJA O ÚNICO TERRITÓRIO PATAXÓ, QUE TEM O SAMBAQUI. O SAMBAQUI, PARA QUEM NÃO SABE, É UM CEMITÉRIO DE OSTRAS. E QUE OS ANTROPÓLOGOS COMPROVARAM QUE TEM MILHARES DE ANOS, NÉ? ISSO SE DEU A SANTA CRUZ (...). E FOI DEPOSITADO PELOS NOSSOS ANTEPASSADOS QUE POR AQUI PASSARAM. ESSE TERRITÓRIO AQUI, ALDEIA VELHA, VALE VERDE, FOI FREQUENTADO MUITO ANTES DOS PATAXÓ (...).

23:06.

T: ENTÃO EU PASSEI A MINHA INFÂNCIA JÁ NESSE ESPÍRITO DE GUERREAR, DE APRENDER COM OS VELHOS. E UM DOS VELHOS QUE FOI A MINHA GRANDE INSPIRAÇÃO FOI O CACIQUE IPÊ, NÉ? ERA A MINHA INSPIRAÇÃO LOGO NO INÍCIO, NÉ? DESDE EU CRIANÇA. EU ESTAVA SEMPRE COM ESSE PENSAMENTO, NÉ? DE QUANDO EU CRESCER É TAL, FORMAR UM JOVEM, TUDO. E CONTRIBUI TAMBÉM COM A MINHA COMUNIDADE, QUE EU JÁ ME ESPELHAVA NELE. O TRABALHO ESPETACULAR QUE ELE FEZ. E NÃO É PARA QUALQUER UM INDÍGENA FAZER O TRABALHO QUE ELE FEZ. O TRABALHO QUE ELE FEZ FOI MUITO DIFERENCIADO, DIFERENTE DE TODAS AS ALDEIAS FORMADAS. POR EXEMPLO, A ALDEIA BARRA VELHA NÃO FOI FORMADA POR UM INDÍGENA. A ALDEIA BARRA VELHA FOI FORMADA PELO GOVERNO DA ÉPOCA. FORMAR PELO PRÓPRIO INDÍGENA É MAIS QUE UMA HONRA, ENTÃO É CORAGEM, A VONTADE É MAIOR.

P: VOCÊ FALOU ISSO DE MUITA ADMIRAÇÃO, INSPIRAÇÃO PELO CACIQUE IPÊ, VOCÊ LEMBRA DE ALGUMA SITUAÇÃO, ALGUM MOMENTO QUANDO VOCÊ ERA PEQUENO QUE VOCÊ VIU ELE AGINDO ASSIM E QUE VOCÊ FALOU, NOSSA ESSE CARA É O CARA?

T: NÃO, É SÓ PELO... ELE TER ESSA INICIATIVA DE IR EM BUSCA DAS FAMÍLIAS DESALDEADAS, EM TORNO DO TERRITÓRIO, PARA PODER TRAZER, PARA PODER OCUPAR E VIVER DE FORMA TRADICIONALMENTE. ISSO HOJE É UM TRABALHO QUE É O DIFERENCIAL NO TRABALHO DELE. E DE LÁ PARA CÁ, A DEFESA DO TERRITÓRIO, BUSCAR, COMPROVAR, PORQUE POR MAIS QUE JÁ EXISTIA TODO ESSE INVESTIMENTO NO TERRITÓRIO, MAS PERANTE OS GOVERNANTES HAVIA AINDA ESSA FALTA DE CREDIBILIDADE. ELE TEVE TODAS ESSAS INFLUÊNCIAS, ESSA INICIATIVA, ESSA FORÇA ELEITORAL DE IR REALMENTE EM BUSCA, DE PROVAR REALMENTE O QUE É QUE O TERRITÓRIO É DISSO. ISSO FAZ O TRABALHO SER DIFERENCIADO. POR MAIS QUE ELE SEJA UM GUERREIRO ASSIM, DE GRANDE CONHECIMENTO DE VIVÊNCIA, NÉ? ELE NÃO FOI ALFABETIZADO. MESMO ASSIM, ELE NÃO DEIXAVA DE INFLUENCIAR A QUESTÃO DA ESCOLA NA ALDEIA. ENTÃO, ASSIM, COM POUCOS MESES DE RETOMADA DO TERRITÓRIO, NEM ANO, POUCOS MESES DE RETOMADA DO TERRITÓRIO, ELE JÁ SE PREOCUPAVA JUNTO A FUNAI DE ENFRENTAR A ESCOLA. PORQUE ELE SABIA QUE A ESCOLA, ELA FORTALECE O TERRITÓRIO. DA ESCOLA QUE SAEM OS GRANDES LIVROS, GRANDES PROFISSÕES, AS PESSOAS QUE VÃO OCUPAR OS ESPAÇOS NA COMUNIDADE. ELE JÁ SABIA QUE ERA NESSE ESPAÇO QUE ERA PASSADOS OS CONHECIMENTOS, VEM SENDO PASSADO. ENTÃO, ELE JÁ LUTAVA.

P: ONDE FOI A PRIMEIRA ESCOLA AQUI?

T: A PRIMEIRA ESCOLA, ELE NÃO CONSEGUIU MANTER NO PRIMEIRO ANO DA RETOMADA, PORQUE NESSE ESPAÇO É O ESPAÇO BAIXO, DA ALDEIA, ENTÃO ALAGAVA MUITO. NÃO FOI POSSÍVEL, ATÉ TENTOU ERGUER UM POUCO, MAS NÃO CHEGOU A CONCLUIR. ENTÃO, POR CONTA DISSO, NÓS PROCURAMOS UM LUGAR MAIS ALTO E ÁRIDO. ENTÃO, A GENTE VEIO PARA A PARTE DA MATA ATLÂNTICA DA ALDEIA, DA RESERVA. ENTÃO, NESSE LUGAR FOI POSSÍVEL REALIZAR A PRIMEIRA ESCOLA NO TERRITÓRIO, UMA ESCOLA BEM TRADICIONAL, SEM PAREDES, NESSE MESMO FORMATO QUE A GENTE ESTÁ CONVERSANDO AQUI AGORA. EU TIVE O PRIVILÉGIO DE INICIAR OS MEUS ESTUDOS EM UMA ESCOLA INDÍGENA REALMENTE TRADICIONAL. ISSO ME FEZ ESSE JOVEM QUE SOU HOJE, NÉ? UM CONHECIMENTO DIFERENCIADO, VIVENCIADO, DO MEU PRÓPRIO POVO, ENTÃO EU POUQUÍSSIMAS VEZES PRECISEI ESTUDAR EM ESCOLA FORA DA ALDEIA.

O DESPERTAR

33:54.

H: TEM UMA PALAVRA QUE SURGE MUITO FORTE HOJE, NÃO SÓ NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA, MAS COM TODOS OS ESTUDIOSOS DE ANTROPOLOGIA, QUE ESTUDAM A EDUCAÇÃO INDÍGENA, A ETNOLOGIA, E A ETNOGÊNESE. E ELE TINHA TANTO CONHECIMENTO DO QUE ERA A ETNOGÊNESE NAQUELA ÉPOCA, PORQUE ALÉM DE FAZER O MAPEAMENTO DO TERRITÓRIO, ELE SAIU PROCURANDO AS FAMÍLIAS QUE ERAM DE ORIGEM INDÍGENA E QUE ERAM DESALDEADAS. PORQUE A ETNOGÊNESE É O QUÊ? É O ALDEAMENTO DE FAMÍLIAS QUE ERAM DESALDEADAS, QUE SURGE UM NOVO ALDEAMENTO E SURGE UMA NOVA COMUNIDADE, QUE É UMA COISA MUITO FREQUENTE HOJE ATUALMENTE, MUITO CRESCENTE, PRINCIPALMENTE NO NORDESTE. PORQUE HOJE A POPULAÇÃO DO NORDESTE INDÍGENA AUMENTOU E ESTÁ QUASE PARECENDO COM A DO PARÁ, DE OUTROS ESTADOS QUE TINHA UMA POPULAÇÃO INDÍGENA BEM ENORME. POR QUE A ETNOGÊNESE AUMENTOU MUITO NOS ÚLTIMOS ANOS AQUI NO NORDESTE. E NESSE PERÍODO O CACIQUE JÁ TINHA O CONHECIMENTO DO QUE ERA ETNOGÊNESE, NÃO PARA ESSA PALAVRA, MAS ELE TINHA UMA CONSCIÊNCIA; “NÃO, SE ESSAS FAMÍLIAS SÃO INDÍGENAS, ELAS TÊM QUE OCUPAR O TERRITÓRIO INDÍGENA.” ESSE TERRITÓRIO INDÍGENA HOJE É OCUPADO POR UM FAZENDEIRO, QUE NEM TEM UM DOCUMENTO TOTALMENTE LEGALIZADO DESSA TERRA, QUE É DE ORIGEM DO MEU

POVO, O POVO INDÍGENA. ELE FEZ O MAPEAMENTO, DESCOBRIU ESSES SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, QUE É O SAMBAQUI. MUITOS FALAM QUE É (...) TÃO HISTÓRICO, MUITA GENTE FALA QUE ERA PARA FESTIVIDADES, VÁRIOS POVOS INDÍGENAS LÁ COMIAM OSTRAS, FAZIAM AQUELE MONTÓRIO, PORQUE É DE DIÂMETRO, É BEM GRANDE MESMO O SAMBAQUI. É MUITA COISA, NÉ? É MUITA, E SE VOCÊ FOR EM QUALQUER REGIÃO AQUI DO EXTREMO SUL, OU SEJA, NO SUL DA BAHIA, VOCÊ NÃO VAI ENCONTRAR CONCHA MAIS DAQUELE ASPECTO, TEM ENORMES, TEM CONCHA QUE, SE EU COLOCAR DUAS MÃOS JUNTAS ASSIM, ELA É BEM MAIOR AINDA. ENTÃO, FALAM QUE É FESTIVIDADE, FALAM QUE É CEMITÉRIO INDÍGENA, TANTO QUE SÓ EM CONTATO (...), SE NÃO ME ENGANO, AQUI EM VALE VERDE, AQUI TEM DOIS E ACHO QUE EM VALE VERDE TEM UM. E EM NENHUMA OUTRA COMUNIDADE INDÍGENA TEM UM SAMBAQUI (...)

36:22.

H: DEIXA EU SÓ CONCLUIR ESSA FALA. NESSE PERÍODO, NÃO SÓ OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, MAS COMO O POÇO DE BARRO, VÁRIOS ARTEFATOS FORAM ENCONTRADOS, NÃO SÓ NA PARTE BAIXA, QUE AQUI TINHA UM RECIFE QUE ERA A PARTE BAIXA, QUE FOI UM LOCAL DE ESTRATÉGIA PARA OS INDÍGENAS, MAS QUANDO NA MATA, QUE FOI O LOCAL ONDE FOI IMPLEMENTADA A PRIMEIRA ESCOLA, NA QUAL ELE FOI ESTUDANTE E TUDO. TANTO QUE QUANDO A GENTE FEZ A RESERVA, FABIANA, TEM CIÊNCIA, DE QUE A GENTE TRABALHOU COM O ETNOTURISMO LÁ, QUE ERA CHAMADO DE ECOTURISMO ANTIGAMENTE. A GENTE RECEBEU OS VISITANTES E A GENTE FAZIA QUESTÃO DE FAZER A TRILHA, PARA QUE OS VISITANTES DE LÁ CONHECESSEM, PROTEGER OS ARTEFATOS, EU NÃO SEI COMO ESTÁ HOJE (...) PORQUE TINHA (...), TINHA ARTEFATOS, EU NÃO SEI COMO ESTÁ HOJE, PORQUE EU QUASE NÃO TENHO TEMPO DE IR NA RESERVA, MAS ERA DE UMA PRECIOSIDADE, DE UMA ORIGEM QUE VOCÊ VÊ QUE NÃO ERA ALGO QUE FOI DE 20 ANOS ATRÁS, DE 30 ANOS ATRÁS, MAS DE MUITO TEMPO. E ASSIM, O IPÊ SEM ESTUDO, ELE TEVE TODA ESSA NOÇÃO, ESSA PREOCUPAÇÃO, PORQUE QUANDO... QUANDO VOCÊ LIDA COM INDÍGENAS QUE ERAM DESALDEADOS, TEM MUITA GENTE QUE ÀS VEZES, “SERÁ QUE É VIÁVEL VOLTAR PARA UM TERRITÓRIO INDÍGENA?” PORQUE VOCÊ VAI ENCONTRAR INDÍGENAS DESALDEADOS, MAS QUE O AVÔ OU A AVÓ JÁ MOROU EM ALDEIA, OU O PAI OU A MÃE. AÍ TEM AQUELA QUESTÃO DO AUTO-RECONHECIMENTO, É DE ALGUNS QUE SE RECONHECEM, OUTROS QUE JÁ FICAM EM DÚVIDA, SERÁ QUE A SOCIEDADE VAI MUDAR PARA UM INDÍGENA ATUALMENTE OU NÃO? TEM ESSA QUESTÃO. EU, POR EXEMPLO, EU ESTUDEI EM ITABUNA (...). NASCI LÁ, MINHA MÃE É DAQUI, ME GANHOU LÁ, VOLTOU PRA CÃ, EU MORAVA COM MINHA IRMÃ. EU NÃO TIVE ESSE (...) EU NÃO TIVE O PRIVILÉGIO DE TER ESTUDADO EM ESCOLA INDÍGENA. MAS EU JÁ SABIA QUE EU ERA INDÍGENA. PORQUE MINHA AVÓ É VIVA, MORREU TEM POUCO TEMPO, EM COROA VERMELHA. NASCEU DAQUI EM CARAÍVA, ELA COM MINHA MÃE. A REGIÃO DE CARAÍVA ERA TODA (...) TERRITÓRIO (...) TODA DE INDÍGENAS ALI. VIVEU MUITO TEMPO ALI PRÓXIMO A IMBIRIBA TAMBÉM. AÍ A TERRA DA MINHA AVÓ, QUE DEPOIS FOI PRA COROA VERMELHA, ENTÃO A DONA TAVA EM PORTO SEGURO. EU SABIA, TANTO QUE NA ESCOLA, QUANDO TINHA AS PEÇAS E TUDO, O PESSOAL ME ESCOLHEU PRA SER UM INDÍGENA. E TINHA AQUELES DESFILES DE 7 DE SETEMBRO, EU FICAVA... AÍ TINHA ALGUMAS PESSOAS QUE NÃO ESTAVAM, MAS... VOCÊ TEM UMA CARACTERÍSTICA INDÍGENA. AÍ EU FALAVA, MINHA AVÓ É INDÍGENA, MINHA MÃE...

P: VOCÊ FALAVA?

H: EU FALAVA. TANTO QUE QUANDO EU SUMI DE ITABUNA, ALGUNS COLEGAS FALARAM, NOSSA, VOCÊ FOI RESGATADO PELA TRIBO NOVAMENTE. ELES FALAVAM, SEMPRE FALAM DESSA FORMA, FALAM TRIBO. EU VOU LÁ E BRINCO COM OS CARAS, NÃO, É ALDEIA E TUDO. EU NÃO TIVE O PRIVILÉGIO DE TER VIVENCIADO ENQUANTO CRIANÇA E TUDO, MAS IA SEMPRE VISITAR. E DEPOIS QUE EU CHEGUEI PARA AQUI, EU VOLTEI COM 11 ANOS, NA MINHA PRÉ-ADOLESCÊNCIA, EU ME ADMIREI TANTO E GOSTEI TANTO, QUE ME APROFUNDANDO NO ESTUDO DA NOSSA CULTURA, NÃO FOI À TOA QUE ME TORNEI PROFESSOR. TIVE O PRIVILÉGIO DE CONHECER COLEGAS QUE PARTICIPARAM DA RETOMADA, COM MUITA IGUALDADE, SE TORNAMOS COLEGAS. COLEGAS PROFISSIONAIS ATÉ HOJE, A TODO MOMENTO A GENTE ESTÁ AÍ EM CONSTANTE PESQUISA, DISCUTINDO ALGO QUE É RELACIONADO AO NOSSO POVO, E ASSIM, É UMA COISA QUE SEMPRE VAI ESTAR COM A GENTE, QUANDO VOCÊ ESTUDA O CULTO DO SEU POVO, VOCÊ DESCOBRE... COMO VOCÊS QUE SÃO ANTROPÓLOGO E VÊ UM VESTÍGIO, 'POXA ISSO AQUI ACHO QUE DE TAL TEMPO', MEU AVÔ VIU AQUELA ÉPOCA É UMA COISA QUE VOCÊ NUNCA VAI ESQUECER, VOCÊ VAI TER GOSTO DE FAZER ISSO, É UMA COISA QUE A GENTE AMA E TEM PRAZER EM FAZER, DINHEIRO NENHUM PAGA.

PATXOHÃ, A LÍNGUA DO GUERREIRO

46:55.

F: MAS ELES TAMBÉM TIVERAM ESSA VISÃO ANTES DA UNIVERSIDADE, QUE HOJE EXISTEM MUITOS PESQUISADORES QUE FALAM ASSIM, MAS ESSA PESQUISA ACONTECE DEPOIS DA GRADUAÇÃO, QUANDO PASSA A TER ESSE PROCESSO, A OCUPAR ESSE LUGAR NA UNIVERSIDADE. OS MENINOS TIVERAM A VISÃO DE PESQUISA MUITO ANTES DA UNIVERSIDADE, PORQUE EU LEMBRO QUE QUANDO ELES FAZIAM ESSAS ANDANÇAS QUE ELES NEM GOSTAVAM DE FAZER, DE ANDAR LÁ POR CIMA DE BARRA VELHA... EU ERA MUITO NOVA E ELES ERAM QUASE TODOS DA MESMA IDADE. MINHA MÃE NEM DEIXAVA EU SAIR ALI NA PRAÇA SÓ, MAS ELES SUMIAM PARA LÁ E SE REUNIAM PARA LÁ. E QUANDO ELES VOLTAVAM, ELES SEMPRE VOLTAVAM COM ESSAS NOVIDADES. ENTÃO, ELES TAMBÉM SÃO GRANDES REFERÊNCIAS DA BONDADÉ PARA OS JOVENS, PARA MIM TAMBÉM, QUE NA ÉPOCA EU NÃO PODIA SAIR. ENTÃO, SEMPRE QUE EU... EU SINTO ELES PORQUE SÃO AS MINHAS REFERÊNCIAS E APESAR DE SER DA MESMA IDADE, NA ÉPOCA NÃO TINHA CONDIÇÃO FINANCEIRA E EU POSSO FALAR E SEMPRE VOLTAVA COM ESSA NOVIDADE (...) TRAZIA OS PRIMEIROS JOGOS, QUE EU FALEI QUE A GENTE PASSOU MEIO QUE UMA VERGONHA (...). E FOI O QUE EU FALEI, QUE A GENTE PERDEU EM TODAS AS MODALIDADES, MAS A GENTE VOLTOU COM RAÇA, PORQUE TODO MUNDO COMEÇA A TREINAR TRÊS MESES ANTES, A GENTE TREINOU DESDE O DIA QUE A GENTE VOLTÔU DE LÁ. TREINOU O ANO TODO, NO ANO SEGUINTE, QUE A GENTE JÁ FOI MAIS RECONHECIDO NESSA PARTE CULTURAL, QUE AINDA EXISTIA ESSE PRECONCEITO DE QUE A ALDEIA VELHA NÃO TINHA INDÍGENA... NÃO TINHA CULTURA JUSTAMENTE NESSA QUESTÃO, QUE ERAM OS VELHOS QUE PUXAVAM TUDO AQUI. ENTÃO, QUANDO FALOU, "A GENTE VAI PRA LÁ COMPETIR", A GENTE SABIA QUE OS VELHOS DAQUI NÃO PUXAVAM A CORDA, QUE A COLUNA JÁ NÃO DEIXAVA MAIS. ENTÃO, A GENTE NÃO TINHA ESSE TREINAMENTO. TINHA OS CANTOS, MAS NÃO TINHA ESSE TREINAMENTO. E AÍ, A GENTE FOI, E NO ANO SEGUINTE, A GENTE VOLTOU, JÁ TINHA ALI NO PONTO DE CULTURA UMA COLEÇÃO DE TROFÉU DESSE ANO, QUE A GENTE FOI TRAZENDO AO PARTICIPAR DE TODOS OS JOGOS. MAS ELES SÃO GRANDES REFERÊNCIAS PRO PATXOHÃ.

54:58.

H: DURANTE ESSE PROCESSO, UM POUCO ANTES, COMO A FABIANA TINHA FALADO, A GENTE SOFREU PRECONCEITO, PORQUE ASSIM, A QUESTÃO DE... DE SER UMA COMUNIDADE ALDEADA, ASSIM, RECENTE, RECÉM-FORMADA. TINHA AQUELE PRECONCEITO, "AH, REALMENTE VOCÊS SÃO INDÍGENAS E TAL". MAS QUEM FEZ ESSE TRABALHO (...) FOI O PRÓPRIO IPÊ. COMO UMA DAS LIDERANÇAS VELHAS, DO POVO PATAXÓ, QUE ELE FOI LIDERANÇA EM COROA VERMELHA, ELE VAI PROCURAR OUTRAS LIDERANÇAS ANTIGAS E SAI PROCURANDO FAMÍLIAS. EM ARRAIAL D'AJUDA, VALE VERDE, TRANCOSO. AÍ COM ESSAS FAMÍLIAS, VAMOS VOLTAR PARA O NOSSO TERRITÓRIO DE ORIGEM, NÓS TEMOS NOSSO TERRITÓRIO LÁ, COM

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS, ISSO E AQUILO, EU SEI QUE ELE NÃO FALOU DESSA FORMA, MAS EU ESTOU FALANDO MAIS A FORMA DE ELE FALAR, E CONSEGUE CONVENCER ESSE PESSOAL A VIR, FAZ ESSA RETOMADA, CONQUISTA A TERRA. AÍ VEM ESPERANDO QUE NÓS JOVENS, ONDE SE ENCONTRAM COM OUTRAS COMUNIDADES, SOFRAM PRECONCEITO. "AH, REALMENTE VOCÊS SÃO INDÍGENAS?" ENTÃO AQUELA COISA... POR MAIS QUE ÀS VEZES VOCÊ TIVESSE UM PRIMO EM PORTUGUÊS, COMO A FABIANA FALOU, ÀS VEZES TÁ COM OS TRAJES, OS ADEREÇOS, OS ADORNOS MAIS SIMPLES, NÉ? COM AS PENAS MAIS SIMPLES. A GENTE ESTAVÁ NA QUESTÃO DE APRENDIZADO, NA CONFEÇÃO DO COCAR, PRA VOCÊ VER HOJE. E O ARTESÃO... EU FALO, NÃO, NÃO, SE VOCÊ FAZER UMA PESQUISA, ISSO VAI SER CLARO. O ARTESÃO PATAXÓ, QUE MAIS FAZ O COCAR, MAIS BEM FEITO HOJE, É O TXAIWÁ, NA ÉPOCA ELE NÃO SABIA FAZER (...)

57:08

H: E ASSIM, FOI UMA FELICIDADE MESMO, PORQUE SE NÃO FOSSE ESSA MÚSICA NOSSA, ELE NÃO TERIA APRENDIDO A FAZER O COCAR BEM, EU NÃO TERIA SIDO UMA REFERÊNCIA NA LÍNGUA PATXOHÃ, NA QUESTÃO DAS MÚSICAS, E GRAÇAS A DEUS HOJE, OS HOMENS JÁ CAMINHAM COM AS PRÓPRIAS PERNAS. COMO FABIANA FALOU, A ALDEIA VELHA PASSOU A SER ADMIRADA E RECONHECIDA, CONQUISTOU TROFÉUS. EU ACHO QUE UM POUCO DE CADA UM... A GENTE SE ABRAÇOU JUNTO ASSIM. VOU CONTAR UM POUCO PARA VOCÊS O QUE ME PERGUNTARAM LÁ NA UFMG, QUANDO EU ESTAVA LÁ FAZENDO GRADUAÇÃO. AÍ ME PERGUNTARAM, "VOCÊ SOFREU ESSE PROCESSO DE ETNOGÊNESE E TUDO, VOCÊ FOI ALDEADO. MAS O QUE VOCÊ SENTIU PARA CRIAR ESSAS MÚSICAS INDÍGENAS?" PORQUE EU CRIEI MÚSICA INDÍGENA NA LÍNGUA PATXOHÃ. AÍ EU TIVE QUE CONTAR UMA COISA ASSIM QUE EU REALMENTE VIVENCIEI. QUANDO EU VIM CÁ PRA ALDEIA, ESSAS FAMÍLIAS QUE PARTICIPARAM DA RETOMADA GANHARAM CASAS AQUI QUE É MAIS PRÓXIMA, COMO VOCÊS ESTÃO VENDENDO AQUI. QUE É AS MAIS PRÓXIMAS DA ESCOLA, DA ALDEIA. MINHA TIA PARTICIPOU DA RETOMADA, MINHA MÃE NÃO, MINHA MÃE TRABALHAVA EM PORTO SEGURO, ASSIM COMO MEU PAI. EU ESTAVA LÁ ESTUDANDO E ESTAVA MORANDO COM A IRMÃ LÁ. AÍ QUANDO A MINHA MÃE DECIDIU VIR PRA CÁ, ELA VEIO UM POUCO ANTES, ELA VEIO EM 2002, EU CHEGO EM 2013, ELA GANHOU UM TERRENINHO UM POUCO MAIS LONGE, QUE ERA LÁ EMBAIXO, NA PARTE MAIS BAIXA DA ALDEIA. AÍ QUANDO A GENTE MORAVA LÁ EMBAIXO, ERA SÓ A GENTE, ERA UMA AVENIDA DE RUA, NÃO TINHA ENERGIA, A PARTE DE BAIXO NÃO TINHA ENERGIA. OU SEJA, EU VIVENCIEI O QUE UM INDÍGENA REALMENTE TEM QUE VIVENCIAR, ASSIM COMO TXAIWÁ VIVENCIOU NA RETOMADA. EU VIVENCIEI VIVER SEM ENERGIA ELÉTRICA, COISA QUE EU NUNCA TIVE VIVENCIADO. VOCÊ TOMAR ÁGUA DA CHUVA, JÁ CHEGUEI MUITO A TOMAR, PORQUE EU IA PRA CÁ, ROLOU UM POCINHO LÁ, DE TOMAR ÁGUA DA CHUVA, AQUELA COISA TODA, E ERA MATA NA FRENTE E ATRÁS, MATA DE TODO CANTO. OUVIA CANTO DE PÁSSARO DE MANHÃ, DE TARDE, DE NOITE. APRENDI ATÉ A CATALOGAR OS PÁSSAROS, O BACURAU QUE SAIA À NOITE. A MÃE DA LUA, EU CATALOGAVA OS PÁSSAROS ATÉ PELO PERÍODO DO DIA. AÍ, OU SEJA, VOCÊ SENTE A ESPIRITUALIDADE. A ESPIRITUALIDADE NÃO É UMA COISA QUE VAI CHEGAR ALI, ELE VAI FUMAR UM TIBÉRIO (...), VAI INTRODUIZIR UM RAPÉ ALI, QUE VAI, RAPAZ, NÃO É ASSIM DO NADA. É UMA COISA QUE VOCÊ... É VOCÊ OBSERVAR, VOCÊ VIVER. E ASSIM, QUANDO EU VINHA E SAIA DAQUI, EU IA CATAR ÀS VEZES GALHO PRA FAZER, COLOCAR NO FOGÃO DE LENHA NOSSO LÁ, PORQUE COMO A GENTE TAVA VIVENDO DAQUELA FORMA, ERA SÓ FOGÃO DE LENHA MESMO. EU ANDAVA NA MATA, SENTIA (...) EU COMECEI A OBSERVAR A NATUREZA COM OUTROS OLHOS QUE EU NÃO TINHA NO PERÍODO EM QUE EU VIVIA NA CIDADE. AÍ SENTINDO AQUILO, O CANTO FOI AQUILO QUE A GENTE SENTIA. DÁ ONDE VEM A ORIGEM DAS MÚSICAS INDÍGENAS. É VOCÊ SENTIR, VOCÊ AGRADECER PELA AQUELA FLOR DAQUELE JEITO ALI TÃO LINDA, TÃO MARAVILHOSA. AÍ É FEITA DE VOCÊ SENTIR AQUILO ALI, A VIVÊNCIA COM A NATUREZA, COM O SEU BEM-ESTAR INDÍGENA ALI, TODA ESSA VIVÊNCIA.

59:46

T: É, RONI, AÍ QUANDO VOCÊ FALA DA QUESTÃO DE IR EM BUSCA DESSAS FAMÍLIAS ALDEADAS, AÍ EU GOSTARIA DE RETRATAR QUE GRANDE PARTE DESSAS FAMÍLIAS ELAS SOFRERAM O QUE FOI O GRANDE MASSACRE, SIM, NAS ALDEIAS ANTERIORES. POR EXEMPLO, O MASSACRE DO FOGO DE 51 EM BARRA VELHA, QUE DISPERSOU ESSES INDÍGENAS, QUE GRANDE PARTE HOJE FOI FORMADO EM ALDEIA VELHA. ENTÃO, A PAJÉ, POR EXEMPLO, É UMA DAS INDÍGENAS QUE SOFREU, JUNTAMENTE COM A SUA FAMÍLIA, ESSE MASSACRE, QUE SOFREU E PASSOU A VIR MORAR EM ARRAIAL D' AJUDA. ASSIM COMO A FAMÍLIA DO CACIQUE IPÊ, QUE VEIO MORAR EM ARRAIAL D'AJUDA. OS PAIS DO OUTRO PARENTE DE COROA VERMELHA, QUE SAIU DISPERSANDO EM TORNO DAQUI DO LITORAL. ENTÃO, ASSIM, PARA UMA PESSOA QUE É INDÍGENA, A CONVENCER UM OUTRO INDÍGENA, A VOLTAR, ARRISCAR, PASSAR POR TODO AQUELE PROCESSO DE MASSACRE NOVAMENTE, ENTÃO, ASSIM, ELE FOI UMA PESSOA QUE REALMENTE USOU MUITA SABEDORIA, TEVE MUITO JEITO, TEVE MUITO A FORMA DE CHEGAR ATÉ ESSAS FAMÍLIAS. DE UM JEITO DIFERENTE PARA CADA UM. CADA UM TINHA UM HISTÓRICO DIFERENTE DE VIVÊNCIA, DE EXPERIÊNCIA. ENTÃO, FOI ASSIM. ATÉ QUE ELE CHEGOU COM A MESMA METODOLOGIA PARA MINHA FAMÍLIA, PARA A FAMÍLIA DA JAÇANÃ. ENTÃO, CADA FAMÍLIA USOU A METODOLOGIA DO HISTÓRICO DE VIDA DE CADA UM.

1:13:50

T: ENTÃO, ASSIM... ONDE EU QUERO CHEGAR COM ISSO? QUE PODE SE PASSAR MAIS UMA OU DUAS DÉCADAS E CONTINUAR INDO O MESMO RESULTADO DE SOMENTE OS PROFESSORES, PESQUISADORES E POUCOS MEMBROS DA COMUNIDADE FICAREM FALANDO FLUENTEMENTE NA LÍNGUA. E NÃO É UMA ESTIMATIVA QUE A GENTE ESPERA, A GRANDE PARTE DA POPULAÇÃO, 50% TALVEZ. ENTÃO EU VEJO ISSO TAMBÉM QUE ESTÁ MUITO LIGADO TAMBÉM À QUESTÃO EXTERNA DA CULTURA. A INFLUÊNCIA DO... PRÓPRIO MEC, DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, EM RELAÇÃO A COISA QUE EU DISCUTIA MUITO NAS PLENÁRIAS, PRINCIPALMENTE NA FACULDADE, NA UFMG, QUANDO EU PARTICIPAVA, ESSA QUESTÃO, NÉ, NÃO DEPENDE SÓ DE NÓS, A GENTE TEM ESSA CORAGEM, DEPENDE TAMBÉM DO SISTEMA DE FORA, GOVERNAMENTAL. POR MAIS QUE SE DÊ ESSA AUTONOMIA, TALVEZ NÃO DÊ A AUTONOMIA QUE SEJA NECESSÁRIA PARA NÓS. COMO, POR EXEMPLO, O GRANDE EMBATE QUE A GENTE TEVE ENQUANTO PROFESSOR DE PATXOHÃ, A GRANDE DIFICULDADE, PRIMEIRAMENTE, SÃO OS MATERIAIS PEDAGÓGICOS PRODUZIDOS. E DEPOIS, MAIS FORTEMENTE AINDA, É A QUESTÃO DA CARGA HORÁRIA QUE NÃO CONTEMPLA. A GENTE NÃO VÊ O PATXOHÃ TÃO VALORIZADO O QUANTO A GENTE GOSTARIA QUE FOSSE. ELA NUNCA TORNARÁ PARA NÓS LÍNGUA MÃE ENQUANTO A LÍNGUA PORTUGUESA ESTIVER À FRENTE. ENTÃO, ESSA CARGA HORÁRIA DE LÍNGUA MATERNA FOI INFERIOR À LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA. ENTÃO AINDA ESTÁ SENDO UMA ESCOLA COLONIZADORA, NÃO DEIXOU AINDA DE SER. POR MAIS QUE A GENTE TENHA ESSES AVANÇOS, AINDA CONTINUA UMA ESCOLA COLONIZADORA, PORQUE A LÍNGUA PORTUGUESA ESTÁ SEMPRE À FRENTE, COM MAIS INFLUÊNCIA DENTRO DAS COMUNIDADES INDÍGENAS. SE FOR COLOCAR, ELA ESTÁ COM MAIS DO DOBRO DE INFLUÊNCIA EM RELAÇÃO À NOSSA PRÓPRIA LÍNGUA MATERNA (...)

⁴ DONA JAÇANÃ

H: HOJE SÃO, ACHO QUE É 6 HORAS DE AULA SEMANAIS DE LÍNGUA PORTUGUESA E APENAS 2 DE PATXOHÃ. A NOSSA PROPOSTA É QUE AUMENTE AS 4 DE PATXOHÃ E IGUALAR AS 4 DE PORTUGUÊS (...) IGUALADOS ENTÃO (...) ELES TRATAM MAIS A IMPORTÂNCIA DO PORTUGUÊS E DA MATEMÁTICA, MAIS DO QUE A QUESTÃO DA LÍNGUA MATERNA. É POR ISSO QUE NÃO AVANÇOU. AA GENTE PENSAVA NA QUESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E TUDO ISSO QUE AVANÇASSE MAIS NO SENTIDO DA LÍNGUA, MAS NÃO ADIANTA A UFSB OU UFMG OFERECER UM VESTIBULAR PARA PROFESSORES INDÍGENAS, UMA VAGA SUPLEMENTAR PARA ESTUDANTES INDÍGENAS, E VOCÊ NÃO PODE OFERECER UMA PROVA NA LÍNGUA INDÍGENA DO POVO PATAXÓ. AÍ VAI TER NA LÍNGUA DO MAXAKALI, VAI TER NA LÍNGUA DO GUARANI, QUE SÃO LÍNGUAS RECONHECIDAS.

O POVO PATAXÓ, NO OLHAR DE PROFESSOR MESMO, É UMA INQUIETUDE NOSSA. A COMUNIDADE NÃO VAI ABRAÇAR A CAUSA DE ESTAR ESTUDANDO POR CONTA DISSO, PORQUE NÃO OFERECE UMA PROVA ESPECÍFICA. PORQUE SE OFERECESSE... ESTOU FALANDO NÃO SÓ DE UNIVERSIDADES NÃO, QUANDO FALO, EU FALO NAS ESFERAS MUNICIPAIS, ESTADUAIS E FEDERAIS. A COMUNIDADE SE INTERESSAR MAIS EM ESTUDAR E SE APROPRIAR MAIS DE APRENDER A LÍNGUA. PORQUE NAQUELA NOSSA ÉPOCA, EU LEMBRO QUE QUANDO EU ME TORNEI PROFESSOR PELA PRIMEIRA VEZ, A PROVA CAIU EM QUESTÕES ESPECÍFICAS DA LÍNGUA PATXOHÃ. NÃO FOI À TOA QUE EU PASSEI. AÍ ASSIM, GEROU UMA REVOLUÇÃO, TODO MUNDO QUERIA APRENDER O PATXOHÃ. ENTUSIASMADO E TAL, QUE OS PRÓXIMOS PROCESSOS SELETIVOS PODERIAM SER REFERENTE AO PATXOHÃ. SÓ QUE FOI SÓ ESSE, QUE FOI DE 2006 QUE EU LEMBRO, DEPOIS NÃO TEM MAIS UM PROCESSO SELETIVO, OU UMA PROVA, SEI LÁ, ALGUMA COISA PRA SER PROFESSOR, OU SER UM AGENTE DE SAÚDE, QUALQUER COISA QUE FOSSE REFERENTE À COMUNIDADE, E CAÍSSE EM QUESTÕES ESPECÍFICAS DA LÍNGUA MATERNA PATAXÓ, DA CULTURA PATAXÓ, SÓ QUE ACABOU (...) ATUALMENTE EU TRABALHO NA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, COMO EU FALEI, AÍ EU PARTICIPEI DO PROJETO DE LEI QUE FEZ O PATXOHÃ CO-OFFICIAL NA CIDADE. O PREFEITO JÂNIO PEDIU ISSO AÍ, "AH, SERIA LEGAL", ENTÃO EU FALEI QUE EU TRABALHEI NO PROJETO DE LEI JUNTO COM O DOUTOR RUI E O CARLINHOS, QUE É DO CEMPEC, E GRAÇAS A DEUS CONVIDEI O TXAIWÃ PARA A GENTE COBRAR O LEGISLATIVO, O PROJETO FOI APROVADO, FOI, TXAIWÃ? A LÍNGUA FOI CO-OFFICIALIZADA. HOJE, PORTO SEGURO TEM O PATXOHÃ COMO LÍNGUA CO-OFFICIAL DO MUNICÍPIO, MAS SÓ FICOU NO PAPEL. CADÊ AS PLACAS PUBLICITÁRIAS? DE NOME, DE DISTRITO, DE RUAS, DE DIVULGAÇÃO, NA LÍNGUA PATXOHÃ? COMO A GENTE VÊ NA LÍNGUA GUARANI, EM OUTRAS CIDADES, POR EXEMPLO. É ISSO QUE A GENTE FALA. A INQUIETUDE. E A GENTE VIU, NÃO É À TOA QUE HOJE EU NÃO SOU MAIS PROFESSOR DA DISCIPLINA, EU FIQUEI COM A MATEMÁTICA MESMO. PORQUE NÃO IMPORTA O QUE A GENTE FAÇA, O QUANTO QUE A GENTE SE DEBRUÇA.

T: TALVEZ NÃO SEJA O SUFICIENTE.

H: NÉ? NO PASSADO AVANÇOU. HOJE A GENTE VÊ QUE NÃO AVANÇA.

T: E SABER QUE MUITAS VEZES SE TORNA UM GRANDE IMPASSE ESSAS REGRAS DE FORA, NÉ? IMPACTA MUITO EM NOSSAS COMUNIDADES AINDA, TALVEZ NEGATIVAMENTE.

H: EU VEJO, TXAIWÃ, QUE É UM POUCO QUE NEM AQUELA QUESTÃO DO AGRO. EU ACHO QUE ELES VEEM QUE É UM IMPASSE, UM ATRASO PARA A SOCIEDADE. O INDÍGENA FICAR VOLTANDO A FALAR A LÍNGUA INDÍGENA, AQUELA COISA TODA. EU VEJO UM POUCO COMO DISSO.

T: TALVEZ POSSA SE FORTALECER ETNICAMENTE AINDA MAIS, E QUE TALVEZ NÃO SEJA BOM PARA O GOVERNO. ENTÃO TEM MUITAS COISAS DE APAGAMENTO..

F: A GENTE CONSEGUE, DESSA FORMA, SE COMUNICAR. O POVO PATAXÓ É TEMIDO POR VÁRIAS ESFERAS DO ESTADO, PORQUE É UM POVO QUE ESTÁ SEMPRE NA LUTA. ENTÃO, É MEIO QUE ELES ENTREGAM UMA ARMA NA NOSSA MÃO CONTRA ELES MESMOS. EU ACREDITO QUE TENHA SIDO ESSA A PRESSÃO PARA PARAR E SILENCIAR MAIS UMA VEZ.

1:28:15

F: É PORQUE EU TIVE UM GRANDE IMPASSE QUANDO EU CHEGUEI NA UNIVERSIDADE, PORQUE QUANDO ERA... COMPONENTES RELACIONADOS À CULTURA INDÍGENA, E ERA SEMPRE TRATADO OS CONTOS DAS HISTÓRIAS DOS VELHOS COMO UM MITO, E EU DISCORDO DISSO, PORQUE EU NÃO CONCORDO QUE SEJA MITO UMA COISA QUE O MEU AVÔ CONTOU QUE ELE VIU. QUANDO FALA MITO, PARECE QUE O MEU AVÔ, ELE MENTIU E INVENTOU UMA HISTÓRIA, MAS FOI UMA HISTÓRIA VIVIDA POR ELE. INCLUSIVE EU VIVI VÁRIAS HISTÓRIAS AQUI DENTRO DA COMUNIDADE, AS MINHAS AMIGAS, A IRMÃ DELES, ZIENI, QUE ANDAVA MUITO COM A GENTE, A GENTE SEMPRE VIU MUITA COISA. ENTÃO PARA MIM ISSO NÃO É MITO. POR QUE MITO É UMA MENTIRA QUE FOI CONTADA VÁRIAS VEZES E FICOU ALI NA HISTÓRIA, MAS NÃO É MENTIRA O QUE OS MAIS VELHOS FALA. É POR ISSO QUE EU FALO DESSA QUESTÃO DE TER UM LIVRO DE CULTURA, PORQUE SE A GENTE ENSINAR ESSA BASE, EU SOUBE ME DEFENDER, PORQUE EU VENHO DESSA BASE. EU SOUBE ME DEFENDER, QUANDO O PROFESSOR FALA, EU APRENDO, EU FALO “NÃO, ISSO AQUI NÃO É UM MITO, É UMA HISTÓRIA, ISSO AQUI É UMA HISTÓRIA QUE FOI CONTADA E QUE ACONTECEU POR UM VELHO”. MAS A MINHA FILHA TALVEZ NÃO VAI TER, TALVEZ VAI TER PORQUE EU VOU ENSINAR. MAS OUTROS QUE ESTÁ VINDO DA GERAÇÃO DELA, TALVEZ NÃO TENHA ESSA DEFESA, COMO VÁRIOS OUTROS COLEGAS QUE ESTAVAM NO AMBIENTE QUE EU ESTAVA, ACEITOU COMO MITO, NÃO QUESTIONOU. ENTÃO, EU FALO MAIS COM ESSA QUESTÃO DE ARRUMAR ESSA BASE PARA QUANDO CHEGAR NESSES ESPAÇOS, NÃO OCUPAR ESSES ESPAÇOS DE QUALQUER FORMA, MAS OCUPAR COM FOCO, SE VOCÊ ESTÁ EM UMA DEVOLUÇÃO DA ALDEIA, OCUPAR COM FOCO DE QUE QUANDO O BRANCO CONTA A SUA HISTÓRIA, VOCÊ PRECISA OBSERVAR PARA VER SE É REALMENTE O QUE ELE ESTÁ FALANDO, OU SE É ALGO QUE ELE OUVIU TRADUZIDO DAQUELA FORMA.

1:50:00

T: ENTÃO, OS JOGOS, ELE DÁ ESSE PROTAGONISMO, ESSA AUTOESTIMA PARA A CRIANÇA, NÉ? A CRIANÇA SE SENTE VALORIZADA, SE SENTE INCLUÍDA. ACHO QUE ISSO TUDO FAZ COM QUE ELES SINTAM MAIS À VONTADE, A QUESTÃO DE ESTAREM MANTENDO O SEU CONHECIMENTO CULTURAL, SUA ANCESTRALIDADE. E É ISSO (...) A NOSSA PREOCUPAÇÃO (...) TRAZER ESSA VALORIZAÇÃO PARA QUE ELES SE SINTAM PARTE (...) TANTO QUE O LEMA DOS JOGOS QUE TAMBÉM EU CRIEI, (...) O LEMA DOS JOGOS É... “A CRIANÇA DE HOJE, O GUERREIRO DE AMANHÃ”. PORQUE EU ME ESPELHEI NO QUE EU FUI E NO QUE EU SOU HOJE. NA CRIANÇA SONHADORA QUE EU ERA ANTES, E NO QUE EU, HOJE, CONTRIBUO COM A MINHA COMUNIDADE. ENTÃO, EU TENTO SER UM ESPELHO, EU TENTO SER UMA REFERÊNCIA PARA ESSAS CRIANÇAS. (...) PORQUE ELES VEEM EM MIM, ELES VEEM NELE, VEEM NELA, VEEM EM NÓS, NÉ? E HOJE ESTAMOS NESSA QUESTÃO DE ESTAREM REPASSANDO ESSE CONHECIMENTO. ENTÃO A GENTE SE SENTE VALORIZADO O TEMPO TODO, NÉ? PORQUE A GENTE SABE QUE A GENTE TEM ESSE DESAFIO NA COMUNIDADE, NÃO TEM COMO A GENTE CORRER. EU POSSO SAIR DA ESCOLA, POSSO NÃO ESTAR ATUANDO COMO EU NÃO ESTOU. MAS EU POSSO MUDAR DE COMUNIDADE, TALVEZ, MAS ISSO NÃO VAI SAIR DA COMUNIDADE, NÃO VAI SAIR DE MIM. ESSE COMPROMISSO, ESSA INFLUÊNCIA, EU ACHO QUE É UMA COISA QUE ESTÁ NO SANGUE, VAI SEMPRE PERPETUANDO. NOS JOGOS, A GENTE NÃO DORME. EU ACHO QUE NINGUÉM DORME, NÉ? UMA SEMANA TODO MUNDO ACORDADO, PORQUE É A NOITE TODA PINTANDO, É PARA CHEGAR NA ARENA E FICAR BONITO, NA ABERTURA, NA CONFECÇÃO DOS ADEREÇOS, NAS CRIAÇÕES DOS CÂNTICOS. TUDO ISSO ENVOLVE UM GRANDE MOVIMENTO NA COMUNIDADE. A COMUNIDADE SE MOVIMENTA CULTURALMENTE NESSE PERÍODO.

2.3. ÁLBUM DE IMAGENS

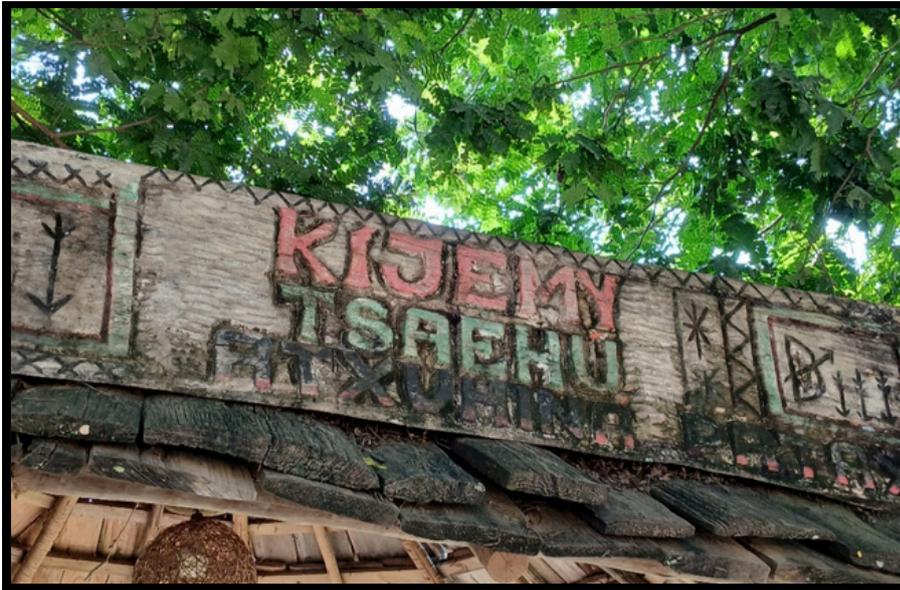


Foto 9: Kijemy Tsaeahu de Txaiwã, uma expressão viva da cultura e tradição em Aldeia Velha, refletindo a riqueza de nossas raízes.

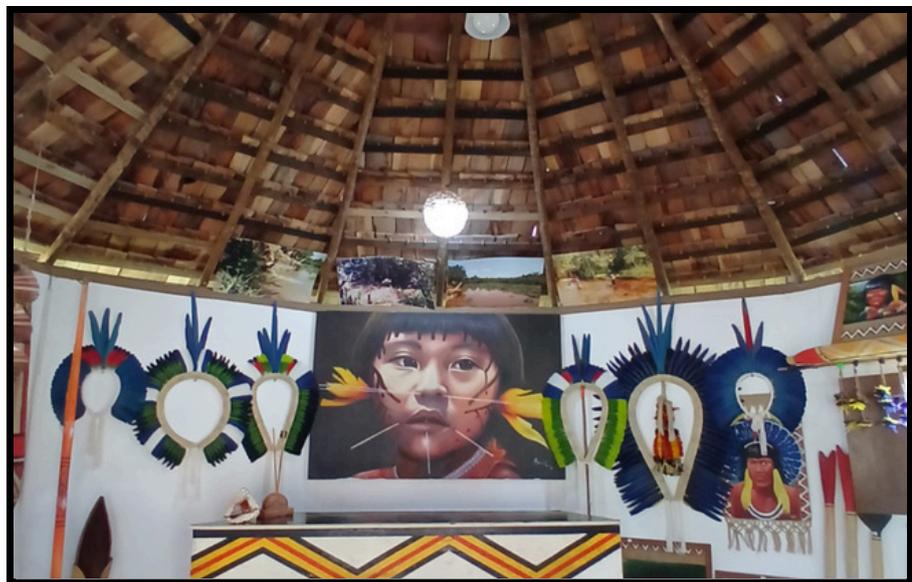


Foto 10: Oficina de artesanato de Txaiwã em Aldeia Velha: onde a criatividade encontra as tradições, dando vida a peças que contam histórias.



Foto 11: Txaiwã em Aldeia Velha: um símbolo de resistência e cultura, preservando tradições que ecoam através das gerações.





Foto 12: Txaiwã compartilha com paixão a sabedoria da educação indígena em Aldeia Velha, uma jornada de conhecimento que honra nossas raízes.



Foto 13: Todos reunidos, atentos às histórias de Txaiwã, onde cada palavra resgata a sabedoria ancestral e fortalece nossas raízes.



Foto 14: Fabiana Pataxó e Cecília Pataxó, mãe e filha, representam a continuidade e a força da Antropologia, unindo saberes e tradições para as futuras gerações.



Foto 15: Placa de implementação da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas - Projeto BRA 13/019: um marco na luta pela proteção e reconhecimento dos direitos indígenas em nosso território.



Foto 16: Fabi compartilha a história da antiga casa de farinha de Aldeia Velha, um espaço que preserva as tradições e saberes da nossa cultura.

3. NADINHO E O “CAMINHO DO SAMBAQUI”

3.1. RELATO DA VISITA

DESCOBRINDO O SAMBAQUI

ERA POR VOLTA DE 13:30 DA TARDE, ATRAVESSAMOS A Balsa Porto Seguro/Arraial d'Ajuda. Com o professor Pablo nos orientando, eu e meus colegas (8 estudantes de Antropologia) fomos até o nosso destino.

Às 14:00 horas da tarde chegamos na Aldeia Velha e seguimos até a casa de Nadinho. Como éramos muitos e o carro era pequeno, nos dividimos. Com ajuda do Nadinho, metade do grupo foi no carro do professor, e a outra metade no carro de Nadinho. Como atrasamos um pouco a chegar, Nadinho decidiu nos levar a um Sambaqui mais próximo, localizado a aproximadamente uns 4km da sua casa.

Chegamos ao Sambaqui. Uma terra preta, muita vegetação com muita riqueza de material. Encontramos muitas árvores de muitos anos de vida. O Sambaqui é formado por conchas com tamanho mediano e de várias espécies diferentes, que com tempo foram sendo depositadas pelos homens e sedimentadas pela força da natureza.

Um grupo foi na frente com Nadinho, a outra parte ficou um pouco atrás.

Nadinho, filho de indígenas, sempre morou ali naquela região de mata fechada.

No meio do vale, foi a primeira morada da família do seu Nadinho, pai, mãe e 24 irmãos. Uma casa de alvenaria, com uma cacimba de onde tiravam a água, uma linda paisagem bucólica.

Senhor Nadinho qual o meio de sobrevivência que sua família tinha na época?

“Nossa fonte de renda era fazer cerâmica, tijolo artesanal, com o próprio barro (argila), que a natureza nos proporciona, abastecemos toda a região na época, principalmente as igrejas que hoje estão de pé e tombadas como patrimônio histórico, nós enviamos os tijolos para lá!. Tínhamos bem pouco gado, galinhas e alguns animais para nossa sobrevivência, banana, mandioca, aqui tinha uma casa de farinha.”

Como que o senhor Ipê chegou até vcs.?

“Nivaldo chegou dizendo que sua família é indígena e tem direito de aldeamento, e não fugir para outro território, mas sim se juntar na luta para lutar pelo o que é nosso.”

Foi assim que tudo começou, a retomada pelo seu território.

Muitas famílias não queriam voltar, preferiam ficar na cidade, mas com muita conversa, perceberam que o senhor Ipê estava correto, e foram à luta, buscando em cada canto do litoral para que houvesse uma retomada do território.

Luta, persistência, determinação foi o que fez essa população de indígenas a buscar suas ancestralidade ali já estabelecida por anos.

3.2. TRECHOS DA ENTREVISTA

N – NADINHO (ENTREVISTADO)

P – PABLO (PROFESSOR)

F – FABIANA (ALUNA)

(...) – TRECHOS NÃO COMPREENDIDOS

[00:00:17] “ E DAQUI FOI QUANDO FOI PRO ALTO NÉ (...) OS MENINOS FORAM PARA A RUA, CONVERSANDO, CONHECI O IPÊ. CONVERSANDO COM O IPÊ ELE FALOU ‘VAMO TOMAR ESSA TERRA, ESSA AÍ VAMO TOMAR ESSA TERRA PRA GENTE’AÍ A GENTE JUNTOU COM UMA GALERA AÍ, UNS ÍNDIO DE FORA AÍ, UNS QUE SAÍRAM DAQUI MESMO (...) NAO ACHEMO MAIS E FIZEMOS A PRIMEIRA RETOMADA NÓS LÁ EMBAIXO. AÍ BOTEI PRA CORRER O FAZENDEIRO, AI ELE BOTOU PRA CORRER, DEPOIS BOTEMO DENOVO, QUANDO NÓS VOLTOU, VOLTAMO COM MAIS FAMÍLIA, VOLTEMO COM VINTE E CINCO FAMÍLIAS, ENTREMO AQUI PRA DENTRO, DAQUI NÓS FOMO LÁ PRA SEDE E DA SEDE, FOMO LÁ EM CIMA NÓS AINDA DESCEMO DENOVO E BOTEMO ELES PRA IR EMBORA.”

[00:01:05] “ ...IPÊ TRABALHANDO POR FORA, TRAZENDO MAIS UNS ÍNDIOS PRA DAR REFORÇO, ÍNDIO DE COROA VERMELHA, BARRA VELHA, CARAMURU TUDO VEIO AJUDAR A GENTE. E ESTAMOS AQUI ATÉ HOJE, E NÃO SAIO DAQUI MAIS NÃO. MAS FOI DURO, DEU TRABALHO TÁ AQUI HOJE. DEU POLÍCIA, AMEAÇADO PELOS FAZENDEIRO, ME INTIMARAM UMAS DUAS VEZES (...). MAS GRAÇAS A DEUS QUE A TERRA FOI DEMARCADA (...) ARRUMAMO UM LUGAR PRA SOSSÊGAR DESSA VEZ A GENTE PODE DIZER QUE A TERRA É DA GENTE MESMO. FUI MUITA LUTA... PASSAVA FOME... HUMILHAÇÃO DESSE PESSOAL AI QUE QUERIA RETIRAR A GENTE.”

[00:03:34] “N: A GENTE MEXIA COM OLARIA.

P: OLARIA? E ONDE QUE ERA A OLARIA?

N: LÁ EM CIMA.

P: ERA LÁ NA SEDE?

N: NÃO, LÁ EMBAIXO. A GENTE TA BEM (...) DELA.

F: JÁ NESSA PARTE DE BAIXO AQUI?

N: É, PARTE DE BAIXO AQUI.

PULO PARA [00:04:04]: P: E ERA A OLARIA DA TUA MÃE?

N: É, MAMÃE E PAPAI QUE FAZIA. E NÓS TAMBÉM FAZIA NÉ. NÓS SAIA COM S MAIS VELHOS NÉ. BOINHA E DIOR (NÃO TENHO CERTEZA SE OUVI CERTO). E AÍ NÓS FAZIA ESSES TIJOLO E LEVAVA DE CANOA, PASSAVA POR CIMA.”

[00:04:54] “N: A GENTE FAZIA PANELA DE BARRO, TIJOLO, TELHA... A GENTE FAZIA ATÉ AQUELES ANIMALZINHO DE BARRO, CAVALO, (...), ESSAS COISAS. A GENTE VENDIA.

P: AH É? VENDIA EM...

N: EM PORTO.

F: E APRENDEU COM QUEM NADINHO?

N: AHN?

F: APRENDEU COM QUEM?

N: O AVÔ, MEU AVÔ QUE FAZIA... O PAI DE PAPAI. AQUELA IGREJA ALI DA (...) BRASIL EM PORTO SEGURO, ALI, FOI MATERIAL DA MÃO DA GENTE OS TIJOLO. AQUELAS IGREJA ALI. A (...) TEM MUITO MATERIAL DA MÃO DA GENTE TAMBÉM, A IGREJA (...) D’AJUDA TAMBÉM TEM TIJOLO.. MUITO MATERIAL DA GENTE ALI.”

[00:06:22] "P: E ONDE PEGAVA O BARRO?"

N: LÁ MESMO.

P: LÁ TINHA NÉ... POR ISSO ERA ALI A OLARIA.

N: É, CAVAVA O BURACO NO CHÃO E PEGAVA O BARRO. NÃO FIZEMO MAIS POR CAUSA DISSO, É QUE BOTOU MUITO GADO AQUI DENTRO, MUITO ANIMAL, NÃO TIVEMO COMO FAZER MAIS... ELES QUEBRARAM OS TIJOLO, QUEBRAVA TUDO. GADO É O BICHIN DANADO. AÍ MAMÃE FOI PARTICIPAR DE... DE VIVER DE DENDÊ. ELA CORTAVA DENDÊ, PISAVA NO PILÃO... (...) TIRAVA PRA FAZER O ÓLEO, PRA VENDER NA RUA. QUE NESSA EPÓCA JÁ FICAVA SOZINHA ELA E... DAMIÃO MEU IRMÃO, FICAVA LÁ. (...)

P: NO ARRAIAL MESMO?

N: É, NO ARRAIAL. EU FIQUEI UMA ÉPOCA AÍ PRA FORA EM ITABELA, DEPOIS VOLTEI. FIZ MINHA (...), ELA FAZIA DENDÊ E EU LEVAVA PRA VENDER. ERA O TRABALHO DELA. DEPOIS DE SESENTA E NOVE ANOS, SETENTA... ASSIM MESMO NÃO QUERIA IR LÁ PRA CIMA. TIVEMO QUE DERRUBAR A CASA DELA AQUI PRA ELA IR PRA LÁ.

P: TEVE QUE DERRUBAR?

N: FOI. (...) ELA NÃO QUERIA FICAR LÁ EM CIMA NÃO. PESSOAL VÉIO ANTIGO.

P: SÓ PRA VENDER O...

N: É, SÓ PRA VENDER. ELA FICAVA AQUI NAS GALINHA DELA, NO DENDÊ. E NA EPÓCA ELA NÃO TINHA MAIS (...) PORQUE JÁ ERA APOSENTADA, MAS ELA QUERIA FAZER ISSO. ELA NÃO FICAVA LÁ EM CIMA NÃO, IA PRA LÁ SÓ PRA COMPRAR UMA CACHACINHA. (TODOS RIEM) TOMAR UM GORÓZINHO, CAIBOCA. COMPRAVA O FUMO DELA, FUMAVA O CIGARRO DELA E DESCIA CÁ PRA BAIXO. MAS JÁ ERA MAIS FÁCIL QUE JÁ TINHA OS NETO AQUI GRANDE, JÁ TINHA A GENTE. FICAVA O DIA TODO PRA LÁ E PRA CÁ. FICOU BEM MAIS PERTO PRA IR LÁ, MAS FICAVA BEM MAIS LONGE. FOI ATÉ QUANDO... (...) ELA FALECEU).

P: QUE ANO QUE ELA FALECEU?

N: NEM EU LEMBRO MAIS. SEI QUE TEVE, ACHO QUE TEM UNS 18 ANOS.

P: MAS QUANDO RETOMOU ELA TAVA.

N: TAVA VIVA.

P: E ELA NUNCA SAIU ENTÃO?

N: NUNCA SAIU DAQUI NÃO. VENHA PRAQUI MOCINHA E SE CASOU AQUI MESMO.

P: E ELA É NASCIDA AQUI?

N: ELA NASCEU LÁ NI.. DE... DE CABRÁLIA, SANTO ANTÔNIO.

P: AH, LÁ NO GUAIÚ ALI.

N: GUAIÚ, É. NASCEU ALI. VEIO PRA CÁ, O TANTO QUE ELA MOROU AQUI DENTRO QUE PORTO SEGURO ELA NEM CONHECIA, SABIA? SE DEIXASSE EM PORTO SEGURO SE PERDIA."

[00:10:10] "P: E COMO FOI QUE VOCÊ CONHECEU O IPÊ?

N: IPÊ RAPAZ... COMO A GENTE CONHECEU ELE? FOI ELE QUE VEIO CONHECER A GENTE. NÓS TAVA AQUI, EU NÃO LEMBRO NEM ONDE EU MORAVA... EU MORAVA NO CENTRO DE ARRAIAL... FOI. AÍ ELE VEIO AQUI, CONHECEU MAMÃE, DAQUI FOI ATÉ LÁ EM CASA. NÓS SE CONHECEMO, DAÍ COMECEMO A ANDAR POR AÍ EU MAIS ELE. AÍ COROA, BARRA VELHA, EUNAPÓLIS COM O PESSOAL. AÍ FEZ PESQUISA DA TERRA, OLHANDO OS URUCUM(...) UNS NEGÓCIO AÍ, DAÍ PEGUEMO AMIZADE AÍ ELE ENTROU COMO CACIQUE E EU COMO VICE.

F: NO LAUDO É, TEM AMADEU. QUEM LEU O LAUDO DAQUI DA ALDEIA VELHA? QUANDO CITA AMADEU LÁ É NADINHO.

N: É, É EU. MEU NOME MESMO É AMADEU, MAS ME CONHECE POR NADINHO."



O BAR DE NADINHO, QUE COMO O PRÓPRIO NOME JÁ DIZ; "CAMINHO SAMBAQUI"

3.3. ÁLBUM DE IMAGENS



Foto 17: Rumo ao Sambaqui, guiados pelo mestre Nadinho! Fomos explorar e celebrar a cultura do povo pataxó.



Foto 18: No emaranhado do Sambaqui, em Aldeia Velha, ArraialD'ajuda, Porto Seguro-BA.



Foto 19: No Sambaqui, todos atentos às histórias de Nadinho sobre a formação de Aldeia Velha.



Foto 20: Um mergulho no passado, conectando com as raízes dessa terra cheia de histórias e tradições.



Foto 21: Adentrando o Sambaqui, passos que nos conectam à ancestralidade e à rixa história deste lugar sagrado.



Foto 22: Povo feliz, indo explorar o Sambaqui. Em Aldeia Velha, Arraial d'ajuda, Porto Seguro-BA.



Foto 23: Nadinho, figura ilustre da comunidade de Aldeia Velha, mestre do saber, da cultura e das tradições do território pataxó.



Foto 24: Ostra do sambaqui, fragmento encontrado no sambaqui, dentro do território de Aldeia Velha.

CONCLUSÃO

PARA ELABORAR ESSA CONCLUSÃO, FIZEMOS UMA BREVE RODADA DE AVALIAÇÃO EM SALA DE AULA, INDAGANDO A SEGUINTE QUESTÃO: QUAIS APRENDIZADOS PODEMOS TIRAR APÓS A CONCLUSÃO DESTE TRABALHO COLETIVO E EXPERIMENTAL?

PRIMEIRO, PODEMOS DESTACAR A IMPORTÂNCIA DE “COLOCAR NA PRÁTICA AQUILO QUE NOS É ENSINADO” E PODER “COMPARTILHAR ESSA EXPERIÊNCIA – O QUE NÃO FAZER NÃO EM CAMPO – COM OS CALOUROS” (BRENDA). NO ENTANTO, APARECEU A IDEIA DE QUE FAZER UM TRABALHO DE CAMPO NÃO É UMA COISA TÃO NATURAL COMO ÀS VEZES PODEMOS PENSAR OU APRENDER. NÃO SE TRATA DE IR A CAMPO E DEIXAR QUE AS COISAS ACONTEÇAM DE FORMA ESPONTÂNEA. EMBORA A ESPONTANEIDADE SEJA IMPORTANTE, É FUNDAMENTAL IR A CAMPO COM NOÇÕES TEÓRICAS BÁSICAS, SOBRE O QUE ACONTECE QUANDO PLANEJAMOS E FAZEMOS UM CAMPO: COMO NEGOCIAR A IDA, COM QUEM CONVERSAR, QUE PERGUNTAS FAZER, COMO REGISTRAR EM ÁUDIO, IMAGEM E DIÁRIO? NESTE SEMESTRE, POR EXEMPLO, FALTOU ORGANIZAR CONVERSAS PRÉVIAS ÀS IDAS À COMUNIDADE, COMO POR EXEMPLO COM ATORES DE INSTITUIÇÕES (TIPO FUNAI) OU PROFISSIONAIS QUE TRABALHAM COM LAUDOS. DE QUALQUER FORMA, A IMAGEM OU LIÇÃO QUE FICA É A DE QUE UM CAMPO “BEM FEITO” É QUANDO CONSEGUIMOS TER UMA ATITUDE PRO-ATIVA, É AÍ QUE CONSEGUIMOS PRODUIR DADOS DE MAIOR QUALIDADE.

OUTRO PONTO IMPORTANTE QUE APARECEU NAS DISCUSSÕES, RELACIONADO AO PRIMEIRO, FOI O SEGUINTE. NÃO BASTA APENAS PLANEJAR IDAS A CAMPO NO CONTEXTO DE UM CC. É NECESSÁRIO TAMBÉM PLANEJAR A VOLTA, PARA TER TEMPO DE ORGANIZAR E SISTEMATIZAR OS REGISTROS QUE FORAM FEITOS NO SENTIDO DE PODER ELABORAR ALGUM DOCUMENTO QUE POSSA SER ENTREGUE À COMUNIDADE QUE NOS ACOLHEU. NO FINAL DAS CONTAS, SOMOS APRENDIZES ANTROPÓLOGOS, E NÃO TURISTAS, E POR ISSO PRECISAMOS CONSEGUIR DAR UM RETORNO.

A ANÁLISE DO MATERIAL LEVANTADO REQUER SEU TEMPO DE TRATAMENTO, AINDA MAIS QUANDO SE TRATA DE ANALISÁ-LO DE FORMA COLETIVA. E O TEMPO DE ANÁLISE TAMBÉM DEPENDE DA QUALIDADE DOS NOSSOS REGISTROS. O ÁUDIO DA GRAVAÇÃO FICOU BOM? FOI FÁCIL OU DIFÍCIL TRANSCREVÊ-LO? E AS IMAGENS? A LUZ FICOU BOA? SERÁ QUE NOSSAS ANOTAÇÕES DE CAMPO (SERÁ QUE ESSAS ANOTAÇÕES SÃO EQUIVALENTES A UM DIÁRIO DE CAMPO?) VÃO NOS AJUDAR A REMEMÓRAR DE FORMA FIDEDIGNA OS DETALHES QUE FORAM FICANDO CONFUSOS, PASSADAS ALGUMAS SEMANAS APÓS NOSSA VISITA? ENFIM, FICOU BEM CLARA A IMPORTÂNCIA DE ORGANIZAR E DIVIDIR AS TAREFAS DE REGISTRO QUANDO SE FAZ UM CAMPO COLETIVO. É IMPORTANTE QUE A UNIVERSIDADE DISPONIBILIZE EQUIPAMENTOS (COMO CÂMERA, GRAVADORES, ETC) PARA QUE SE POSSA FAZER REGISTROS DE QUALIDADE – OU PELO MENOS DE QUALIDADE NÃO TÃO RUIM.

BIBLIOGRAFIA

ALARCON, DANIELA. "DITADURA DOS ANTROPÓLOGOS": CONSIDERAÇÕES SOBRE O RELATÓRIO FINAL DA CPI FUNAI-INCRA 2. IN: VUKÁPANA VO: REVISTA TERENA, VOL. 1, N. 1, P. 47-61

CARNEIRO DA CUNHA, MANUELA. "ÍNDIOS NA CONSTITUIÇÃO". IN: NOVOS ESTUDOS, CEBRAP, SÃO PAULO, 2018, P. 429-443

CARNEIRO DA CUNHA, MANUELA, 1986. "ETNICIDADE: DA CULTURA RESIDUAL MAS IRREDUTÍVEL"; "CRITÉRIOS DE INDIANIDADE OU LIÇÕES DE ANTROPOFAGIA"; "PARECER SOBRE OS CRITÉRIOS DE IDENTIDADE ÉTNICA". IN: ANTROPOLOGIA DO BRASIL: MITO, HISTÓRIA E ETNICIDADE, SÃO PAULO, BRASILIENSE/EDUSP (P. 97-119)

CLIFFORD, JAMES, 1995 [1988]. IDENTIDAD EN MASPHEE, IN: DILEMAS DE LA CULTURA. ANTROPOLOGÍA, LITERATURA Y ARTE EN LA PERSPECTIVA POSMODERNA (JAMES CLIFFORD, ORG.), BARCELONA, GEDISA EDITORIAL, P. 327-406 (LINK ONLINE DO ARTIGO: [HTTPS://ANTROPORECURSOS.FILES.WORDPRESS.COM/2009/03/CLIFFORD-J-1988-DILEMAS-DE-LA-CULTURA.PDF](https://antroporecursos.files.wordpress.com/2009/03/clifford-j-1988-dilemas-de-la-cultura.pdf)) [DIVIDIR ESSE TEXTO EM DUAS PARTES]

FAUSTO, CARLOS. DA RESPONSABILIDADE SOCIAL DO ANTROPÓLOGO E DO ARQUEÓLOGO

TERENA, ELOY. TERRA INDÍGENA E LEGISLAÇÃO INDIGENISTA NO BRASIL

OLIVEIRA, JOÃO PACHECO. "O ANTROPÓLOGO COMO PERITO: ENTRE O INDIANISMO E O INDIGENISMO". IN: ANTROPOLOGIA, IMPÉRIOS E ESTADOS NACIONAIS, RIO DE JANEIRO, RELUME DUMARA, 2002 (CAP. 10).

VALADÃO, VIRGÍNIA, 1994. "PERÍCIAS JUDICIAIS E RELATÓRIOS DE IDENTIFICAÇÃO". IN: A PERÍCIA ANTROPOLÓGICA EM PROCESSOS JUDICIAIS, FLORIANÓPOLIS, ED. UFSC, ABA/CPI-SP